

A RELIGIÃO É O ÓPIO DO POVO¹

Raúl Iturra

Congresso APA 9-10-11 de Setembro de 2009.

Karl Marx, parece-me a mim, é e será sempre lembrado pela frase que intitula este texto². Frase que o define como devorador de sentimentos e de ideias de fé³. Após pesquisa prolongada com enfoque na vida privada do revolucionário das ideias predominantemente burguesas do seu tempo e as dos nossos tempos, as da sua família e análise do(s) motivo(s) da origem dos seus textos, concluo que essa lembrança é uma grande e pura falácia. Reitero que pesquisei (processo em curso há já vários meses) a vida privada de Marx, a da sua família e o(s) motivo(s) dos seus textos. Vou de surpresa em surpresa. Essa minha prolongada pesquisa tem dado origem a um livro que será publicado com o título de: *Marx, um devoto luterano*⁴. Entretanto, para este congresso

¹ Síntese do livro que estou a escrever, citado no 1º parágrafo do texto central. Envio para ser colocado no Repositório do ISCTE, para todos possam ler antes do dia 10, as 9 a.m.

² Frase de Karl Marx no seu livro de 1843: *Crítica a Filosofia do Direito de Georg Hegel Escrito*: 1843-1844

Publicado: 1844 na língua original. **Transcrito por** Eduardo Velhinho; **HTML** por [José Braz](#) para [The Marxists Internet Archive](#). Pode-se ler em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1844/criticafilosofiadireito/index.htm>

³ Adesão absoluta do espírito àquilo que se considera verdadeiro. Testemunho autêntico dado por oficial de justiça. Fidelidade. Prova. Crença. Fé religiosa. Confiança. Opinião. Fonte: <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx>. Também: No seu aspecto religioso, a fé é a crença nos dogmas particulares que constituem as diferentes religiões, e todas elas têm os seus artigos de fé. Nesse sentido, a fé pode ser *racionalizada* ou *cega*.

A fé cega nada examina, aceitando sem controlo o falso e o verdadeiro, e a cada passo se choca com a evidência da razão. Levada ao excesso, produz o *fanatismo*. Definido em: <http://espiritananet.blogspot.com/2008/03/f-religiosa.html>

⁴ A frase que intitula o livro, seria gramaticalmente correcta se for referida como: *Marx, devoto luterano*, era gramaticalmente correcta. No entanto, o artigo *um*, reforça o conceito de devoção. Conceito que, para o título, é importante salientar, porque explica muita das brigas em que, habitualmente, se enrolava Karl Heinrich para defender os direitos do povo, e os seus como materialista histórico. O conceito devoção era um duplo problema: o primeiro, é que o nosso analisado professava a confissão luterana; o segundo, para mim o pior, é que a pessoa de Marx era “professada”, “venerada” pelos os seus seguidores, até o dia de hoje. O que Karl Heinrich dizer, era uma opinião imbatível, venerada. Como materialista histórico, Marx usava e abusava de essa veneração. Apenas que a sua teoria não admitia veneração.... O **materialismo histórico** é uma abordagem [metodológica](#) ao estudo da [sociedade](#), da [economia](#) e da [história](#) que foi pela primeira vez elaborada por [Karl Marx](#) e [Friedrich Engels\(1818-1883\)](#), malgrado ele próprio nunca tenha empregado essa expressão. O materialismo histórico na qualidade de sistema explicativo, foi expandido e refinado por milhares de académicos desde a morte de Marx.

De acordo com a tese do materialismo histórico defende-se que a evolução histórica, desde as sociedades mais remotas até à actual, se dá pelos confrontos entre diferentes classes sociais decorrentes da *exploração do homem pelo homem*. A teoria serve também como forma essencial para explicar as relações entre sujeitos. Assim, como exemplos apontados por [Marx](#), temos durante o [feudalismo](#) os servos

pensei que era de justiça explicar, pelo menos, o motivo desta frase, por ser da doutrina de Marx a mais usada entre nós. A minha questão é: até onde sabemos de Marx e o quê se sabe dele?

O livro que escrevo durante estes dias, de quase 400 páginas, intitulado, como anteriormente referi, *Marx, um devoto luterano*, parece uma curiosidade. Pelo menos para mim. É bem sabido que sou um social-democrata materialista histórico e dialéctico, quero dizer, social-democrata à maneira de Marx, ideias aprendidas ao longo de observar e analisar a vida e de ler não apenas Karl Marx, Friedrich Engels e as suas obras, bem como ter comigo todas as biografias escritas sobre este homem que revolucionou o mundo na sua interacção social. Pensador que retirou da sua fé luterana as ideias de economia e que teve por mulher, uma aristocrata católica radical, a Baronesa Prussiana Johanna von Westphalen, ou Jenny Marx, como é conhecida pelos poucos que sabem da sua existência⁵. Johanna "Jenny" von Westphalen ([12 de Fevereiro 1814](#), [Salzwedel](#) – [2 de Dezembro 1881](#), [Londres](#)), filha de Johann Ludwig, Barão von Westphalen, professor na [Friedrich-Wilhelms-Universität](#) de [Berlim](#) e Conselheiro Privado do Governo de Prússia em Triers, foi esposa de [Karl Marx](#).

Jenny e Karl casaram-se em 1843 e tiveram sete filhos: Jenny Caroline (1844-1883); [Jenny Laura](#) (1846-1911); Edgar (1847-1855); Henry Edward Guy ("Guido"; 1849-1850); Jenny Eveline Frances ("Franziska"; 1851-1852); [Jenny Julia Eleanor](#) (1855-1898) e um outro que morreu antes de receber nome (Julho 1857). Jenny e Karl trabalharam juntos; ele escrevia e ela transcrevia os seus manuscritos⁶. A minha frase preferida é dizer que não teria existido um Karl Marx se a sua Jenny, que tinha ideias,

que teriam sido oprimidos pelos senhores, enquanto que no [capitalismo](#) seria a classe operária pela [burguesia](#). Fonte: as minhas leituras, os meus estudos, o meu ensino e a minha pratica como social-democrata socialista, com as palavras de: http://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico. Como é evidente, uso as palavras da Wikipédia para explicar melhor estas ideias, mas já as tinha definido e debatido no meu livro de 2008: *O presente, essa grande mentira social. A reciprocidade com mais-valia*, Afrontamento, Porto.

⁵ Quem queira saber da sua vida, pode ler a excelente biografia da lutadora pelos direitos das mulheres, Françoise Giroud: **Françoise Giroud**, nascida **Lea France Gourdji**, ([Lausanne](#), [21 de Setembro de 1916](#) — [19 de Janeiro de 2003](#)) foi uma [jornalista](#), [escritora](#), [cronista](#), [ensaísta](#) e [política suíça](#), radicada em [França](#).

Françoise Giroud, fez parte da resistência francesa durante a [segunda guerra mundial](#), tendo sido presa pela [gestapo](#).

Ocupou cargos políticos desde 1973 a 1979, tendo sido secretária de estado no governo de [Jacques Chirac](#) e posteriormente secretária de estado da cultura de [Raymond Barre](#).

⁶ Obtido em "http://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny_von_Westphalen"

não colaborasse com ele: transferindo as suas ideias ao seu marido ou introduzindo-as directamente nos manuscritos de Marx, por ser ela quem os escrevia. Na produção teórica de Marx, nota-se uma diferença substancial nos objectivos e nos textos escritos antes e depois de 1843 (data do casamento). As primeiras eram permanentes críticas a outros filósofos socialistas utópicos; a sua actividade como político e a escrita da sua própria teoria viriam depois, após estudo e análise de textos disponíveis no Museu Britânico. Antes, era um “urso” que não tolerava ideias diferentes das suas; a seguir, a vida doméstica acalmou-o, estudou e escreveu a história do mundo, por assim dizer, com uma premonição sempre presente: a da sociedade comunista. Ideias cristãs, luteranas ou romanas, pela influência que tinha sobre ele a sua mulher, uma cristã materialista convicta. O melhor exemplo deste meu acerto, é que Jenny redigiu e corrigiu o Manifesto Comunista, apenas esboçado pelo seu marido e o amigo dele, Friedrich Engels. A lista dos textos e as suas diferenças é matéria abordada no livro que preparo, contudo, encontram-se algumas referências na net⁷.

Pouco se sabe da Baronesa. A biografia de Heinz Friedrich Peters, o político e escritor da Áustria, foi a única que encontrei sobre a vida de Jenny Marx. O que diz define de imediato este inusitado silêncio sobre Johanna von Westphalen. Vários biógrafos de Marx mencionam-na, porém, um estudo aprofundado é apenas o de Peters que, na versão francesa, a intitula por Baronesa *Jenny, la rouge*, ou de Giroud.

Peters, na edição da Europa-América, afirma:



 ampliar

Jenny Marx foi uma mulher na sombra. Nada do que fez, disse ou sofreu em silêncio, foi suficiente para que ganhasse um lugar reconhecido no limbo da história feminina.

E, no entanto, a sua coragem, dedicação e espírito de sacrifício pela causa que acreditava ser a da libertação da humanidade foram exemplares e dignas de respeito.

⁷ Para poupar espaço, apresento apenas a ligação que permite aceder à lista das obras (comentadas) de Marx: http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_obras_de_Karl_Marx

Aos 29 anos renuncia à vida aristocrática alemã para se casar com aquele que foi o único homem da sua vida e pelo qual teve uma paixão invulnerável. Karl Marx, já então inimigo confesso da sociedade de classes, retributivo nos sentimentos, mas não na fidelidade, proporcionou-lhe uma vida marcada pela perseguição e pelo exílio, pela pobreza e pelas visitas às lojas de penhores, pela humilhação e por uma sequência de tragédias que acabaram por quebrá-la. Esta miséria, apenas pontuada por escassos momentos de alegria, quase sempre suportados pela generosidade financeira de Friedrich Engels, não a impediu de continuar a acreditar firmemente nas ideias do seu marido e de batalhar por elas⁸.

Se de Johanna von Westphalen pouco se sabe, ainda menos conhecido é o facto de ela ter sido a redactora dos manuscritos do seu marido. Um dia, lia eu uma informação de McLellan, especializado na vida de Marx, e para minha surpresa, reparo que nos debates havidos entre Engels e Marx, que dariam origem a um novo documento, e de acordo com as notas do próprio Karl Heinrich, a sua mulher não só participou nos mesmos, como ficou toda a noite a trabalhar no texto. Pelo que, tendo por base as ideias dos dois amigos e as suas, Jenny Marx redigiu o Manifesto mais importante na teoria da social-democracia materialista. O próprio Marx, ao lê-lo, salientou que a clareza e sistematização da escrita de Jenny o tornaram mais explícito e inteligível do que as ideias que brotaram do seu próprio pensamento. É isto que me faz dizer no livro que escrevo, que sem Jenny não teria havido um Karl Marx.

Outras ideias podem ter os leitores a partir do título do livro: o cristianismo de Marx e a sua devoção pela defesa das causas injustas. Não pretendo dizer que a personagem central do livro é um Cristão devoto. O que pretendo é demonstrar que Karl Heinrich não lutava contra a religião, mas sim contra o uso abusivo da mesma. Marx era um homem convencional e muito chegado à sua família, sem a qual, diga-se, não conseguia subsistir, como diz em carta datada dos anos 40 (do século XIX), à sua mulher, na qual torna a declarar o seu amor.

Ser ou não ser religioso, na época de Marx, era uma necessidade praticamente de hierarquia social. Mas não de qualquer religião. Havia a questão dos judeus: não eram admitidos em altos cargos da Administração e, paralelamente, eram-lhes negadas certas profissões. Toda a injustiça era para Marx uma afronta social. Nem curto nem preguiçoso, escreveu um livro sobre o assunto e promoveu reuniões de apoio aos

⁸ Informação retirada de: http://www.europa-america.pt/product_info.php?cPath=55&products_id=187

judeus⁹. Ele próprio era de origem judaica, mas não é por isso que entre nos atentados contra a etnia hebraica? Marx era cristão.

Se Marx era cristão? Parece-me que sim, quer pela educação, nomeadamente religiosa (não nos devemos esquecer que recebeu os preceitos da catequese desde os 6 anos de idade), quer pela sua Obra. Interessa de momento salientar, que a educação religiosa de Marx se efectuou no universo de uma religião economicista: o luteranismo.

O catraio Karl teve uma infância abastada, serena e com estudos em casa e na escola, que na Prússia, como na Alemanha de hoje, se denominava Gimnasium¹⁰.)

A família rica, abastada e culta, composta por membros não revolucionários, proporcionou-lhe todas as possibilidades de saber e ele soube usá-las todas.

⁹ Marx, Karl, 1843: *A questão judaica*, que começa com esta frase: Os judeus alemães aspiram emancipar-se. A que emancipação aspiram? A emancipação civil, à emancipação política. Livro que se pode ler em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1843/questaojudaica.htm>

¹⁰ Gimnasium (ginásio em português): **Ginásio** é um tipo de [escola](#) que faz parte da educação secundária em algumas partes da [Europa](#), que pode ser comparada ao [Ensino Fundamental II](#) e [Ensino Médio](#) no [Brasil](#). A palavra *γυμνάσιον* (*gymnasion*) era usada na [Grécia antiga](#), significando o lugar para a educação física e intelectual de rapazes (veja [Ginásio](#)). O ginásio prepara os alunos para a entrada na [universidade](#). Na [Alemanha](#), por exemplo, os alunos estudam matérias como [alemão](#), [matemática](#), [física](#), [química](#), [geografia](#), [biologia](#), [artes](#), [música](#), [educação física](#), [religião](#), [história](#) e [ciências sociais](#). Devem, também, estudar pelo menos duas línguas estrangeiras (a combinação entre [inglês](#) e [Latim](#), [inglês](#) e [francês](#), [inglês](#) e [italiano](#) ou [inglês](#) e [espanhol](#) são as mais comuns. Na Alemanha, o 12º. e 13º. anos preparam os estudantes para o [Abitur](#), uma prova necessária para se conseguir entrar e numa universidade. Fonte: <http://portalsaofrancisco.com.br/alfa/alemanha/alemanha-5.php>.

Karl Heinrich estudou no Ginásio Jesuíta Frederico Guilherme, em Triers, entre 1832 e 1835, onde revolucionou os conceitos de economia e sociologia. O trabalho de Alexander von Humboldt, cientista natural e pesquisador, foi fundamental para a mudança do pensamento burguês de Marx: O princípio da causalidade mais tarde estabelecido por Humboldt teria inspiração no racionalismo de Descartes: “como conheço” seria para a Geografia, como se constitui o fenómeno? Qual a sua causa primordial? Esta dúvida seria a mediação para o conhecimento científico que para ser considerado como tal deveria ser demonstrado, justificado e só assim considerado verdadeiro, como é dito no texto “A geografia no pensamento filosófico” de Maria Flortice Raposo Pereira, da Universidade Federal de Ceará, que pode ser consultado em: <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/65/40> e comentado em: <http://portalsaofrancisco.com.br/alfa/alemanha/alemanha-5.php>.

O primeiro exame do jovem Marx, em 10 de Agosto de 1835, foi um ensaio sobre Religião, com o título *Die Vereinigung der Gläubigen mit Christo nach Johanes 15,1-14, in ihrem Grund und Wesen, in ihrer unbedingten Notwendigkeit und inihren Wirkungen dargestellt* (União dos Crentes com Cristo, segundo João 15, 1-14, representada no seu fundamento e essência, na sua necessidade incondicional e nos seus efeitos) (doravante *Vereinigung*), seguido de uma tradução do grego dos versos 140-176 da peça de Sófocles. Retirado da *Introdução, comentário e tradução de Marcos José de Araújo Caldas, Prof. Dr. História Antiga e Teoria da História/UFRRJ-IM.*, em Rev. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas. Seropédica, RJ, EDUR, v. 29, n. 2, Jul. – Dez., p.103-117, 2007. O texto é um comentário ao texto escrito por Marx, intitulado: OBSERVAÇÃO DE UM JOVEM NA ESCOLHA DE UMA PROFISSÃO (1835) (*BETRACHTUNG EINES JÜNGLINGS BEI DER WAHL EINES BERUFS*)

Karl Marx. Texto e comentários em: [http://scholar.google.pt/scholar?q=MIA+Karl+Marx+OBSERVA%C3%87%C3%83O+DE+UM+JOVE M+NA+ESCOLHA+DE+UMA+PROFISS%C3%83O+\(1835\)&hl=pt-PT&pwst=1&um=1&ie=UTF-8&oi=scholar](http://scholar.google.pt/scholar?q=MIA+Karl+Marx+OBSERVA%C3%87%C3%83O+DE+UM+JOVE M+NA+ESCOLHA+DE+UMA+PROFISS%C3%83O+(1835)&hl=pt-PT&pwst=1&um=1&ie=UTF-8&oi=scholar)

Marx pertencia a uma seita cristã fundada por Martinho Lutero. **Protestante:** Nasceram da cisão provocada pela excomunhão de Lutero, depois de este monge alemão ter exposto, em 1517, as suas 95 teses contra as indulgências. Lutero foi seguido por outros nomes que foram e são referências do protestantismo: Calvino, Wycliff, Zwingli, Wesley e Knox, este último com pouca importância social. Na época do seu surgimento, ser membro de uma destas confissões, significava ser pobre e sem poder social. Só mais tarde o Luteranismo ganhou adeptos, continuando, todavia, a ser a Confissão Católica a dos aristocratas e dos ricos. Designa-se **Protestantismo** o conjunto de igrejas [cristãs](#) e doutrinas que se identificam com as teologias desenvolvidas no [século XVI](#) na [Europa Ocidental](#), resultantes da tentativa de [reforma](#) da [Igreja Católica Apostólica Romana](#), por parte de um importante grupo de [teólogos](#) e [clérigos](#), entre os quais se destaca o [ex-monge agostiniano Martinho Lutero](#), de quem as [igrejas luteranas](#) tomaram o nome. Porém, a maior parte dos cristãos [europeus](#) (especialmente na [Europa meridional](#)) não concordava com as tentativas de reforma, o que produziu uma separação entre as emergentes igrejas reformadas e uma reformulação na Igreja Católica, a chamada [Contra-Reforma](#), que reafirmou explicitamente todas aquelas doutrinas rejeitadas pelo protestantismo ([Concílio de Trento](#)).

Quais os princípios do cristianismo, em geral, que me fazem associá-lo à teoria materialista de Marx? Há dois princípios básicos: 1- Amar a Deus acima de todas as coisas com toda a força do coração, com toda a força do entendimento. Isso é fundamental na vida de um ser humano, pois se não amamos a Deus também não o conhecemos e então como podemos almejar um dia morar no Céu de Deus? Conheça-o e aprenda a amá-lo de verdade lendo a sua palavra: «a Bíblia». Assim, estaremos mais certos de um dia podermos vir a morar na casa de Deus.

2 – Amar o próximo como a ti mesmo. Este é outro princípio fundamental, pois se não amarmos as pessoas com quem convivemos nesta terra enfrentando os mesmos problemas e adversidades, como poderemos dizer que amamos Deus que não vemos? A Bíblia diz que se não amarmos o próximo, mas dizemos que amamos Deus, então somos mentirosos.

Se compararmos o que sabemos do cristianismo de Marx ao longo da sua vida, reparamos de imediato que há dois momentos: quando ama a divindade e, em consequência, o próximo; e quando ama o próximo e luta por ele, esquecendo a divindade. Do primeiro momento falarei um pouco mais tarde. Do segundo, é melhor

abordá-lo já. Há um momento na vida de Marx que o faz dedicar os seus esforços à luta contra os que exploram o povo. Bem sabemos que esse momento se inicia com a questão judaica. Apesar de ser cristão, os problemas germânicos com a sua etnia de origem (hebraica) despoletam a sua atenção. Recorrendo ao seu saber luterano sai em defesa dos hebreus, começando, simultaneamente, a sua luta contra a exploração. A conversão à confissão luterana foi conveniente ao pai, como seria mais tarde ao próprio Karl Heinrich por dois motivos: dela retirou (da teoria económica de Lutero), também¹¹, os seus princípios materialistas e deu-lhe um sustento ético e moral que precisava para a sua vida *desarrumada*. Desarrumada porquê? Por se tratar de um socialista radical que lutava contra ideias iluministas, como acabou por ser com Bruno Bauer¹², Pierre Joseph Proudhon¹³, Georg Friedrich Hegel¹⁴ e Ludwig Feurebach¹⁵. Os textos destes autores, começam com uma crítica ao filósofo que defende outras ideais, para, de imediato, passar a definir conceitos com os quais vai construindo a sua teoria do materialismo histórico e a dialéctica, importantes para a sua verdadeira luta, que começa em 1848 com o Manifesto Comunista.

Karl Marx era muito versado no materialista dialéctico. Tinha-o aprendido de Hegel. Sabia usar as fraquezas dos argumentos dos filósofos socialistas, o que lhe custou, entre outras coisas, a amizade, pois todos deixavam de ser seus amigos e colegas mal apareciam textos que contrariavam a sua filosofia. Atacava as pessoas? Não, apenas as ideias. O problema era que quem era rebatido por Marx, passava a ser um ideólogo em desgraça e perdia adeptos, como foi o caso de Bauer. Marx não envergonhava ninguém, apenas usava os argumentos leves do seu rival filosófico, para, a partir do debate, construir a sua teoria e os seus conceitos. Assim foi como o nosso herói criou a teoria do materialismo histórico.

¹¹ Digo também, que significa do mesmo modo, igualmente, conjuntamente, porque os princípios do materialismo de Marx derivam dos economistas que o precederam, como vamos estudar mais em frente.

¹² ([6 de Setembro de 1809](#) - [13 de Abril de 1882](#)) foi [filósofo](#), [teólogo](#) e [historiador alemão](#). E a refutação de Marx em 1844: *A Sagrada Família*, criando os conceitos de alienação e 1846: *A Ideologia Alemã*, famosa pelo seu argumento sobre propriedade privada e comunismo. Bauer é mais conhecido pelos argumentos de Marx que pelos seus piedosos argumentos sobre uma divindade Universal;

¹³ ([Besançon, 15 de Janeiro de 1809](#) — [Paris, 19 de Janeiro de 1865](#)), que escrevera *Filosofia da Miséria* (1846), ao qual Marx ripostou de imediato com *A pobreza da Filosofia*, poucos meses depois de ter aparecido o livro de Proudhon, com *A Miséria da Filosofia*, onde define valor e luta de classes

¹⁴ ([Estugarda, 27 de Agosto de 1770](#) — [Berlim, 14 de Novembro de 1831](#)), onde cria os conceitos de materialismo dialéctico e o ópio do povo

¹⁵ ([Landshut, 28 de Julho de 1804](#) — Rechenberg, [Nuremberg, 13 de Setembro de 1872](#), riposta a sua Essência do Cristianismo com o seu Teses sobre Feurebach, argumentando sobre o seu conceito de *Concepção Materialista da História* em 1845.

A falta de teoria económica, que preocupou Lutero, para defender o povo explorado, fez dele um protestante, e a Marx, no seu tempo, um luterano protestante, um permanente protestante revolucionário das ideias, como digo mais em frente¹⁶. Revolucionário das ideias e das formas de produção que exploravam a força de trabalho de outros. Marx, foi um protestante revolucionário das ideias. Foi um Lutero do Século XIX, bem mais avançado que os protestantes dos Séculos XIV-XV: havia mais para protestar, para reformar. As ideias socialistas tinham-se desenvolvido a par e passo com a revolução industrial, a educação dos trabalhadores, o nascimento dos sindicatos, a união dos trabalhadores ou Primeira Internacional, a educação escolar da infância operária. Ideias que Marx acompanhou e tentou entender, aceitar, modificar ou propor alternativas, como aconteceu na Primeira Reunião Internacional dos Trabalhadores, que organizou e presidiu nos anos 60 do Século XIX.

¹⁶ **Revolução** é uma ruptura abrupta do [sistema jurídico, político, social, económico](#) ou cultural vigente, com a subsequente formação de um novo sistema.

Em geral, uma revolução fica caracterizada quando o espaço de tempo em que as mudanças ocorrem é curto, pois, se longo, as mudanças passam despercebidas e acabam sendo consideradas apenas um processo evolutivo. Após esta definição é simples dizer que Marx não era um revolucionário. A sua ideia de revolução era o estudo do sistema que os dominava, o capitalista, para combater por meios intelectuais essa forma de dominação. Marx não queria destruir, queria construir uma sociedade diferente, denominada comunista. Marx era considerado um revolucionário, mas não era. Não resisto citar uma resposta yahoo, que diz: *Foi o idealizador de uma sociedade com uma distribuição de renda justa e equilibrada, o economista, cientista social e revolucionário socialista alemão, foi expulso da maior parte dos países europeus devido ao seu radicalismo. Ele defendia a ideia de que a classe trabalhadora deveria unir-se com o propósito de derrubar os capitalistas e aniquilar de vez a característica abusiva deste sistema que, segundo ele, era o maior responsável pelas crises que se viam cada vez mais intensificadas pelas grandes diferenças sociais. Com a colaboração de Engels, Marx escreveu também o Manifesto Comunista, onde não poupou críticas ao capitalismo. Até hoje, as ideias marxistas continuam a influenciar muitos historiadores e cientistas sociais que, independente de aceitarem ou não as teorias do pensador alemão, concordam com a ideia de que para se compreender uma sociedade deve-se entender primeiramente sua forma de produção.*

Fonte: <http://www.suapesquisa.com/biografias/ma...>, que diz: Este filósofo alemão foi expulso da maior parte dos países europeus devido ao seu radicalismo. Seu envolvimento com radicais franceses e alemães, no agitado período de 1840, fez com que ele levantasse a bandeira do comunismo e atacasse o sistema capitalista. Segundo este [economista](#), o capitalismo era o principal responsável pela desorientação humana. Ele defendia a ideia de que a classe trabalhadora deveria unir-se com o propósito de derrubar os capitalistas e aniquilar de vez a característica abusiva deste sistema que, segundo ele, era o maior responsável pelas crises que se viam cada vez mais intensificadas pelas grandes diferenças sociais.

Este grande revolucionário, que também participou activamente de organizações clandestinas com operários exilados, foi o criador da obra *o Capital*, livro publicado em 1867, que tem como tema principal a economia. O seu livro mostra estudos sobre o acumular de capital, identificando que o excedente originado pelos trabalhadores acaba sempre nas mãos dos capitalistas, classe que fica cada vez mais rica às custas do empobrecimento do proletariado. Com a colaboração de [Engels](#), Marx escreveu também o *Manifesto Comunista*, onde não poupou críticas ao [capitalismo](#). Fonte: <http://www.suapesquisa.com/biografias/marx/>.

A sua fé luterana apoiava-o. Confissão que recusava a autoridade do Papa, o culto dos santos e da Virgem Maria e via os sacramentos de um modo mais desvalorizado do que os católicos (dependendo essa valorização de cada uma das confissões).

A ruptura de Lutero era uma metáfora da ruptura de Marx com a burguesia à qual pertencia e com a aristocracia, berço da sua mulher. A ruptura de Lutero, baseada na ideia da "sola fide, sola scriptura" (só a fé e a Escritura é que salvam), cria uma multiplicidade de grupos: reformados, evangélicos, calvinistas, presbiterianos, etc. A estrutura destas Igrejas quase não tem hierarquia: esta resume-se pouco mais que ao pastor ou presbítero (equivalente ao padre, mas que pode casar) e, às vezes, ao bispo (que também pode casar). Metáfora de Marx de uma só União dos Trabalhadores e de apenas uma permanente Reunião Internacional, realizada em vários sítios ou países onde haja operariado.

A rebelião de Lutero foi contra o abuso económico cometido pelos que tinham meios e retiravam ainda mais dos bens dos mais pobres. A rebelião de Lutero não foi contra a confissão cristã, mas sim, contra a sua utilização abusiva para com os trabalhadores rurais e artesanais e o trabalho operário industriais. A confissão luterana é uma teoria económica. E não apenas a luterana: toda a crença cristã é uma organização da relação das pessoas com os bens, como analiso noutros livros. Não é uma mera casualidade, que o fundador da economia na Grã-bretanha tenha sido um presbítero da Igreja Protestante Escocesa e o pai de toda a economia, um praticante católico romano, como é o caso de François Quesnay. Aliás, nem é preciso provar, como o tenho feito, de serem Agostinho de Hipona ou Tomás de Aquino, sacerdotes romanos, as pessoas que definiram o conceito pecado como um mal que afecta a humanidade: era por todos sabido que a avareza e a usura era um mal para os devedores, que afectava a divindade. O que os fundadores da economia e do socialismo fazem é separar a teologia, ideia nunca pensada pelos outros, e dedicar o seu acreditar na divindade em assuntos pragmáticos. Quesnay ensinou como e quando se deve semear, Smith criou sistemas de cálculo para se saber investir. Como fez o próprio Marx nos seus textos, não filosóficos, baseados na economia a que denominou materialismo histórico. Nem Quesnay nem Smith dedicam o seu tempo a estes interesses, ocupados como estavam em entender como todos podiam trabalhar (no quê e como). É preciso lembrar que os luteranos e presbiterianos foram influenciados pela teoria calvinista, que sabia como retirar lucro do dinheiro ganho no trabalho, actividade de que falam Lutero, Smith e o próprio Quesnay,

à sua maneira. No texto de 1905, Max Weber¹⁷ analisa de forma comparativa as religiões. No entanto, «esqueceu-se» de ler o Lutero do Século XVI, que tinha feito da sua confissão reformada, uma teoria económica. Marx não foi o único rebelde, teve um ancestral de sua confissão, este Martinho Lutero de quem falo, que criou uma grande revolução em todo o mundo quando afirmou que ao misturar fé, dinheiro e capital o ser humano perde a salvação da sua alma. Salvação da alma, o mais desejado e esperado pelos seres humanos desses tempos. Como sabemos, a partir do Século XIII, as pessoas do Continente europeu orientavam as suas vidas pela Teologia, por homilias de frades faladas em latim, língua que apenas os eruditos dominavam e reproduziam nos livros, por pensarem que era a devida para falar com respeito à divindade ocidental. Porém, o mundo muda e na época que denominamos Renascimento¹⁸ tudo acontece. Reformas

¹⁷ Weber, Marx, 1905: A ética protestante e o espírito do capitalismo, síntese feita por Sobreira Lucas: Nesta obra Weber compara várias religiões no tocante, principalmente, a sua conduta ética. Weber destacou o Calvinismo como a religião que contribuiu de forma decisiva para o desenvolvimento do [capitalismo](#) moderno. O fundamento desta tese está no facto do Calvinismo defender a doutrina da predestinação. Isto significa que o indivíduo já nasce eleito (salvo) por Deus ou condenado ao inferno. Consequentemente o grande tormento psicológico para um [calvinista](#) da época era a dúvida (salvação ou condenação?). O modo de vida do homem calvinista era racionalizado, sistemático; qualquer actividade realizada era para aumentar a glória do Senhor. Praticava um ascetismo racional; isto significa que tudo deveria ter um propósito lógico, que justificasse sua execução. Como por exemplo, assim como o sexo seria para procriação, o desporto seria para manutenção da saúde. Imbuídos desse pensamento, qualquer actividade com finalidade lúdica ou obtenção de prazer carnal seria condenado por Deus.

A solução técnica encontrada pelos [calvinistas](#) para se ter certeza da salvação foi através do trabalho. Seu sucesso material, oriundo do trabalho, seria traduzido como uma bênção de Deus. Quanto mais riquezas alcançadas (maior acumular de capital), maior a certeza de ser um homem escolhido por Deus. Analogicamente, um homem pobre seria, na visão calvinista, um predestinado ao inferno.

O homem calvinista dedicava o seu tempo a trabalhar como meio de se certificar da salvação e não como meio de obtê-la, já que segundo o Calvinismo o homem já nasce predestinado. Isso [levou](#) à formação de um grande número de postos de trabalho, de mão-de-obra especializada. Porém, a riqueza alcançada não seria utilizada de forma egocêntrica, mas sim somente poderia ser usufruída como meio de subsistência e que servisse ao aumento da glória do Senhor. Esse comportamento levou os calvinistas a acumular riquezas e à eliminação de gastos desnecessários. Consequentemente houve um aumento de poupança, que por sua vez levou ao aumento de capital (através dos juros), o que forneceu a base necessária ao desenvolvimento do capitalismo moderno. Segundo Weber, o Luteranismo não contribuiu para o desenvolvimento do [espírito do capitalismo](#) pelo facto de a sua ética se apoiar na doutrina da salvação pela fé. Portanto, um Luterano não precisaria de um sinal material para se ter a certeza da salvação, bastaria unicamente a fé em Deus. Sobreira Lucas é sociólogo em Rio de Janeiro. Pode aceder a esta crítica em: <http://pt.shvoong.com/humanities/theory-criticism/1787521-%C3%A9tica-protestante-esp%C3%ADrito-capitalismo/>.

¹⁸ **Renascimento** ou **Renascença** são os termos usados para identificar o período da [História da Europa](#) aproximadamente entre fins do [século XIII](#) e meados do [século XVII](#) quando diversas transformações em muitas de áreas da vida humana assinalam o final da [Idade Média](#) e o início da [Idade Moderna](#). Apesar destas transformações serem bem evidentes na [cultura](#), [sociedade](#), [economia](#), [política](#) e [religião](#), caracterizando a transição do [feudalismo](#) para o [capitalismo](#) e significando uma ruptura com as estruturas medievais, o termo é mais comumente empregado para descrever seus efeitos nas [artes](#), na [filosofia](#) e nas [ciências](#).

Chamou-se "Renascimento" em virtude da redescoberta e revalorização das referências culturais da [antiguidade](#) clássica, que nortearam as mudanças deste período em direcção a um ideal [humanista](#) e

das formas de pensar, da economia, da religião, a descoberta de outros mundos e a combinação do que era fé com a teoria económica.

[naturalista](#). O termo foi registado pela primeira vez por [Giorgio Vasari](#) já no [século XVI](#), mas a noção de Renascimento como hoje o entendemos surgiu a partir da publicação do livro de [Jacob Burckhardt](#) *A cultura do Renascimento na Itália* (1867), onde ele definia o período como uma época de "descoberta do mundo e do homem".^[4] Apesar do grande prestígio que o Renascimento ainda guarda entre os críticos e o público, historiadores modernos têm começado a questionar se os tão divulgados avanços merecem ser tomados desta forma. O Renascimento cultural manifestou-se primeiro na região italiana da [Toscana](#), tendo como principais centros as cidades de [Florença](#) e [Siena](#), de onde se difundiu para o resto da [península Itálica](#) e depois para praticamente todos os países da [Europa Ocidental](#). A Itália permaneceu sempre como o local onde o movimento apresentou maior expressão, porém manifestações renascentistas de grande importância também ocorreram na [Inglaterra](#), [Alemanha](#), [Países Baixos](#) e, menos intensamente,



em [Portugal](#) e [Espanha](#), e nas suas colónias americanas.

Michelangelo: *Jonas*, Capela Sistina, ou também de Michelangelo a cúpula



de São Pedro em Roma, Michelangelo, Século XVI.

Fonte: Há significativa variação nas datas conforme a região estudada e o autor consultado. Os limites indicados aqui referem-se a uma cronologia europeia, e não apenas italiana.

Burke, P. *The European Renaissance: Centre and Peripheries*. Oxford: Blackwell, 1998

Brotton, J. *The Renaissance: A Very Short Introduction*. OUP, 2006

[Renascimento](#). [Enciclopédia Itaú Cultural](#). Pode-se aceder a esta informação em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Renascimento>.

Poucos sabem, talvez, como a Reforma mudou a atitude dos cristãos em relação ao dinheiro.

Nos seus estudos, Karl Heinrich analisou e aderiu às ideias de Martinho Lutero. Pastor de almas que introduzira as boas-novas: o valor da pessoa era totalmente independente do seu sucesso, que era avaliado em termos de renúncia do mundo ou em quantidade de bens adquiridos. Com isso, passou a travar uma dupla batalha, contra o ascetismo monástico e o emergente capitalismo. Na verdade, os dois – salvação por obras e esforço humano – são os lados da mesma moeda. Ideias aprendidas por Marx na sua catequese luterana e que ficaram impingidas no seu espírito e mente cultural.

Os pobres ganhavam mérito pela sua pobreza e humildade e os ricos ganhavam--o ao contribuir generosamente para os necessitados. Os gananciosos usavam mal as coisas materiais no seu desejo de adquirir posses e bens; os ascetas relacionavam-se mal com o mundo no seu esforço de abandoná-lo. O resultado final, em ambos os casos, era a insegurança pessoal, já que se colocava confiança na realização pessoal e não em Deus. Essa divindade que o luterano Marx analisava nos textos de debate com outros filósofos, para a qual define um papel social, em 1848, no *Manifesto Comunista*, como Lutero tinha feito ao estudar a Bíblia - torná-la protestante ao reescrevê-la nos seus princípios teológicos.

Os princípios capitalistas, como o facto de ganhar dinheiro usando o próprio dinheiro, eram incipientes no tempo de Lutero, mas ganharam força e influência na época de Marx. Lutero abominava os capitalistas calculistas: percebia que a sua prática divorciava o dinheiro de finalidades humanitárias e criava uma economia de aquisição. Pregava continuamente contra a crescente economia de créditos e empréstimos e identificava os avaros e agiotas como os maiores inimigos da humanidade, depois do próprio Diabo.

A fim de aumentar a sua renda, dizia Lutero, o agiota deseja que o mundo inteiro se arruine e que assim haja fome, sede, miséria e necessidade; dessa forma, todos dependerão dele e serão seus escravos, como se ele fosse Deus. Semelhante às críticas de Marx nos seus textos sobre o Valor de 1862 e 1863, intitulados *Teorias da Mais-Valia* e no de 1865: *Valor, Preço e Lucro*.

Essa cobiça por lucros dizia Lutero, antes de Marx, tinha diversas e engenhosas expressões: vendas a prazo, empréstimos, manipulação do mercado (por reter ou despejar mercadorias), criação de cartéis e monopólios, falsificação de falências, comércio de futuros e falsificação de bens. Essas formas de disfarçar a prática de juros

abusivos (usura) afectavam todos, principalmente os pobres. Por isso, Lutero exortava os pastores para condenarem a usura colocando-a na mesma classe do roubo e do homicídio e não aceitassem agiotas na comunhão, a menos que se arrependessem. Marx analisou estes conceitos para a sua utopia de Sociedade Comunista que, sem saber, Lutero tinha já adiantado nos seus textos pastorais.

É importante observar que a preocupação de Lutero não era apenas em relação ao uso individual do dinheiro, mas principalmente quanto ao sério dano social inerente na idolatria das “leis” do mercado. A ideia de um “mercado impessoal” e de “leis autónomas da economia” eram-lhe repugnantes, pois entendia-as como idólatras e socialmente destrutivas. Para Marx esse mercantilismo traduz-se numa mais-valia, ideia que, naturalmente, não foi usada por Lutero por se tratar de um conceito definido por Marx, séculos mais tarde. Na obra *O Capital*, datada de 1867, Marx considera que a sociedade inteira será ameaçada pelo poder financeiro de um pequeno número de grandes centros económicos. A emergente economia mundial começava a engolir as economias locais e urbanas e logo, uma força económica imune a outras leis ou princípios, destruía o etos (natureza moral e princípios governantes) da comunidade local¹⁹.

Como anteriormente referi, no renascimento mudaram as formas de pensar, mas mudaram também as formas de trabalho, que passarei a analisar. Com o advento da Idade Moderna²⁰ começou a acabar o servilismo, e, em consequência, o feudalismo.

¹⁹ Retirado dos sermões de Lutero, especialmente de: *Dinheiro: Grandes Exemplos e Conselhos Sábios do Passado*, homilia que poder ser lida em: http://www.monergismo.com/textos/dizimos_ofertas/dinheiro_lutero.htm, ou em formato de papel, em: Luther, Martin: *Basic Theological Writings*, ou *Princípios de Teologia* em Português, Editado por Timothy F Lull, que escrevera o prefácio a obra citada, era presidente e professor de teologia sistemática, no Pacific Lutheran Seminary, na Universidade de Berkeley, California. Como texto em formato de papel, editado por Fortress Press, Minneapolis, 1989, Editora Augsburg Fortress, recolhe textos escritos entre 1517 e 1529, 725 pp. Podem-se ler extractos, em: <http://principiosdateologia.blogspot.com/#uds-search-results>.

²⁰ A Idade Moderna é um período específico da [História](#) do [Ocidente](#). Destaca-se das demais por ter sido um período de transição por excelência. Tradicionalmente aceita-se o início estabelecido pelos historiadores franceses, [1453](#) quando ocorreu a [tomada de Constantinopla](#) pelos [turcos otomanos](#), e o término com a [Revolução Francesa](#), em [1789](#).

Entretanto, apesar de a queda de Constantinopla ser o evento mais aceite, não é o único. Têm sido propostas outras datas para o início deste período, como a [Conquista de Ceuta](#) pelos [portugueses](#) em [1415](#), a viagem de [Cristóvão Colombo](#) ao [continente americano](#) em [1492](#) ou a [viagem à Índia](#) de [Vasco da Gama](#) em [1498](#).

Algumas correntes historiográficas anglo-saxónicas preferem trabalhar com o conceito de "Tempos Modernos", entendido como um período não acabado, introduzindo nele subdivisões entre *Early Modern Times* (mais antiga) e *Later Modern Times* (mais recente), ou então procedem a uma divisão entre sociedades pré-industriais e sociedades industriais. A noção de "Idade Moderna" tende a ser desvalorizada pela historiografia [marxista](#), que prolonga a [Idade Média](#) até ao advento das [Revoluções](#)

Embora, em trabalhos anteriores (especialmente nos 1988 e 1989), tenha já definido estes conceitos, parece-me, neste contexto, ser útil explicar o conceito do modo de produção feudal²¹ para entendermos o aparecimento do capitalismo, como fez Marx e o modo de produção denominado capitalista²², conceito muito usado mas nunca definido

[Liberais](#) e ao fim do [regime senhorial](#) na [Europa](#), devido à ampla acção das [Cruzadas](#), que expandiram o comércio na Europa.

A dificuldade da delimitação cronológica do período deve-se, principalmente, às divergências de interpretação quanto à origem e evolução do [sistema capitalista](#). Contudo, o período histórico que vai do [século XV](#) ao [XVIII](#) é, genericamente, percebido com um "período de transição".

A época moderna pode ser considerada, exactamente, como uma época de "revolução social" cuja base consiste na "substituição do modo de produção feudal pelo modo de produção capitalista". Fonte: as minhas leituras, as minhas aulas e, para este texto: [Internet Modern History Sourcebook](#). Há mais análise em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Idade_Moderna e nos meus livros.

²¹ Após ter definido eu próprio o conceito, especialmente nos meus livros sobre Vilatuxe e Vila Ruiva, é necessário um terceiro para entender esta forma de trabalhar. O *feudalismo* foi um modo de organização social e político baseado nas relações servo – contratuais (servis). Tem suas origens na decadência do Império Romano. Predominou na [Europa](#) durante a [Idade Média](#). Segundo o teórico escocês do [iluminismo](#), [Lord Kames](#), o feudalismo é geralmente precedido pelo [nomadismo](#) e em certas zonas do mundo pode ser sucedido pelo [capitalismo](#). Os [senhores feudais](#) conseguiam as terras porque o rei as dava para eles as trabalharem como entendessem, mas deviam pagar rendas ao rei. Os camponeses cuidavam da agropecuária dos feudos e em troca recebiam o direito a um pedaço de terra para morar e também estavam protegidos dos [bárbaros](#). Quando os servos iam para o manso senhorial, atravessando a ponte, tinham que pagar um direito de uso, excepto quando iam cuidar das terras do Senhor Feudal.

²² O Capitalismo é um [sistema](#) económico caracterizado pela [propriedade privada](#) dos [meios de produção](#) e pela existência de [mercados livres](#). Na [historiografia ocidental](#), a ascensão do capitalismo é comumente associada ao ocaso do [feudalismo](#), ocorrido na [Europa](#) no final da [Idade Média](#). Outras condições normalmente associadas ao capitalismo são: a presença de [agentes](#) que [investem](#) em troca de um [lucro](#) futuro; o respeito pelas [leis](#) e [contratos](#); a existência de [financiamento](#), [moeda](#) e [juro](#); a ocupação de [trabalhadores](#) segundo um [mercado de trabalho](#). As sociedades modernas possuem, em geral, [economias mistas](#), adoptando conceitos análogos aos capitalistas, com restrições. A palavra [capital](#) vem do latim *capitalis*, com origem no proto-indo-europeu *kaput*, que significa "cabeça", em referência às cabeças de gado, como era medida a riqueza nos tempos antigos. A conexão léxica entre o comércio de gado e a economia pode ser vista em nomes de várias moedas e palavras que dizem respeito ao dinheiro: O primeiro uso da palavra *Kapitalist* foi em 1848 no [Manifesto Comunista](#) de [Marx](#) e [Engels](#); porém, a palavra *Kapitalismus*, que é "capitalismo" em alemão, não foi usada. O primeiro uso da palavra *capitalismo* é dedicado ao romancista [Thackeray](#), em 1854, com a qual quis dizer "posse de grandes quantidades de capital", e não referir-se a um sistema de produção. Em 1867, [Proudhon](#) usou o termo *capitalista* para referir-se a possuidores de capital, e Marx e Engels referiam-se à "forma de produção baseada em capital" ("*kapitalistische Produktionsform*") e, no [Das Kapital](#), "*Kapitalist*" (um possuidor privado de capital).

Nenhum deles, porém, usou os termos em alusão ao significado actual das palavras. A primeira pessoa que assim o fez, porém, de uma forma imperante foi [Werner Sombart](#) em seu [Capitalismo Moderno](#), de 1902. [Max Weber](#), um amigo próximo e colega de Sombart, usou o termo em sua obra [A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo](#), de 1904.

O capitalismo moderno e, segundo muitos economistas, mais próximo do ideal, começa com a [Revolução Industrial](#) e as chamadas revoluções "burguesas", marcadamente a [Revolução Gloriosa](#) inglesa, a [Independência dos EUA](#) e a [Revolução Francesa](#). Certos autores, como [Braudel](#), defendem, no entanto, que o capitalismo remonta à expansão da economia – mundo durante o Renascimento.

A propriedade privada já existia nas [tribos judaicas](#). A [Torá](#) apresenta diversos exemplos. Os regimes teocráticos, por outro lado, seguiam um modelo mais próximo do feudal, com todas as terras pertencentes ao rei, e os seus súbditos trabalhando nelas. O [Código de Hamurabi](#) também apresenta evidências da instituição da propriedade privada, o que faz crer que a existência de propriedade privada se confunde com a própria história. Fonte: As minhas aulas, a preparação delas por meio das leituras de Marx, Weber e de historiadores como Ferdinand Braudel, especialmente as leituras da obra de Eric John Earnest Hobsbawm ([Alexandria, 9 de Junho](#) de 1917) é um [historiador marxista](#) reconhecido internacionalmente.

(motivo que me leva a uma digressão de notas de rodapé). Aparece na época do declínio do modo de produção feudal, quando os servos²³ da gleba²⁴ não recebiam dinheiro pelo trabalho que faziam: semear, plantar, tomar conta do gado e servir na casa do senhor feudal²⁵ (feudatário ou dependente), súbdito feudais que, sem receber salário, entregavam como renda a maior parte do produto ao proprietário da terra, que, por sua vez, nos tempos da Monarquia Absoluta²⁶, entregavam uma parte ao Rei.

Hobsbawm, no início (Prefácio) do seu livro *A era do Capital* (p. 11), diz com todo o ímpeto: *Na década de 1860 foi introduzida uma palavra no vocabulário político e económico do mundo: a palavra **capital**. Pareceu-nos portanto oportuno intitular o presente volume A Era do Capital, título que recorda o da principal obra do crítico mais penetrante do capitalismo, Das Kapital, de Karl Marx (1867)*²⁷.

Um de seus interesses é o desenvolvimento das [tradições](#). Seu trabalho é um estudo da construção destas no contexto do [Estado-nação](#). Ele argumenta que muitas vezes as tradições são inventadas por elites nacionais para justificar a existência e importância de suas respectivas nações, especialmente do seu livro citado no texto de este livro que escrevo: *The Age of Revolution*, 1977, Abacus, Grã-bretanha – há versão portuguesa do Prefácio em linha, texto no qual define o conceito capital, pode ser acedido em: <http://www.scribd.com/doc/6342812/A-Era-das-Revolucoes-Eric-Hobsbawm> e em formato de papel, 1977: [Eric Hobsbawm](#), [Editorial Presença](#) ISBN : 9722315595. Mais importante ainda, para a minha pretensão de definir o conceito é o livro de Hobsbawm de 1975, *The Age of Capital*, Abacus, Grã-bretanha, traduzida para português em 1979, pela Editorial Presença, como *A era do Capital*, 438 pp., a minha fonte central, além do livro de Karl Marx de 1868 *Das Capital*. O primeiro pode ser lido em: <http://www.esnips.com/doc/4b9f41b9-5305-4cb4-b9b7-a60e13263a6d/Eric-Hobsbawm---A-Era-do-Capital>. O segundo, traduzido da versão da Primeira Edição: Das Kapital von Karl Marx. Demokratischen Wochenblatt, Leipzig, 21 e 28 de Março de 1868, em francês "[Le Capital](#)", na secção do Marxists Internet Archive. Na base dessa cópia, foi traduzido para o português da Galiza por [José André Lôpez Gonçalves](#), Abril 2008, que pode ser lida em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1868/03/28-ga.htm>.

²³ Aquele que não dispõe da sua pessoa e bens, ou homem adstrito à gleba e dependente de um senhor;criado; servente.

²⁴ Torrão, terra de labor, terreno adstrito a um feudo.

²⁵ Sistema social de vários povos europeus, iniciado na época das invasões dos bárbaros, e só completamente desaparecido em 1789.

²⁶ O Absolutismo é uma [teoria política](#) que defende que uma pessoa (em geral, um [monarca](#)) deve deter um [poder](#) absoluto, isto é, *independente* de outro órgão, seja ele judicial, legislativo, religioso ou eleitoral. Os teóricos de relevo associados ao absolutismo incluem autores como [Maquiavel](#), [Jean Bodin](#), [Jaime I de Inglaterra](#), [Bossuet](#) e [Thomas Hobbes](#). Esta ideia tem sido algumas vezes confundida com a doutrina protestante do "[Direito Divino dos Reis](#)", que defende que a autoridade do governante emana *directamente* de [Deus](#), e que não podem ser depostos a não ser por Deus, defendido por alguns absolutistas como Jean Bodin e Jaime I. Fonte: Anderson, Perry, *Lineages of the Absolutist State*, 1974.

Souza, Marcos da Cunha e, O absolutismo e o progresso da guerra. *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil*, número 88, ano 62, [2002](#).

Obtido em "<http://pt.wikipedia.org/wiki/Absolutismo>".

²⁷ Se a origem da palavra capital vem do proto-indo-europeu *kaput*, que quer dizer "cabeça" de animal, medida de transacções usada nos tempos e nos sítios em que não havia moeda, kaput em alemão quer dizer também: acabou, morte, cabeçalho da lei que sentença. O capitalismo passa a ser assim o fim da liberdade, da vida livre, a submissão ao proprietário dos meios de produção. É o que mais Marx fala ao se referir ao capitalismo. Aproveitar ou desviar em proveito próprio. A hermenêutica da palavra pode ser

É assim que podemos já procurar a origem da análise sobre o conceito capital, que Marx criou e que muitos de nós continuamos a estudar, para tentar entender as relações sociais na estrutura²⁸ sócio económica de qualquer agrupamento cultural, denominado também sociedade.

Porque designo estrutura socioeconómica? Porque é o trabalho que rende dinheiro que passa a ser lucro e sustenta a vida social e a sua hierarquia. Toda a estrutura social está orientada por uma hierarquia de pessoas: os que obedecem e os que orientam, os eleitos e os eleitores, as pessoas consagradas para exercer um ministério

interessante, mas o que importa não é apenas que Marx fosse o primeiro em usar a palavra capital como Kapital e não como das Kapital, a cabeça de gado. O que interessa, com tudo, é saber o que Marx queria dizer com o conceito capital, sem usar Kapital: Karl Marx foi o primeiro pensador económico que criticou a dinâmica do modelo [capitalista](#). Escreveu um tratado de três volumes sobre todos os economistas existentes, que foi publicado como Teoria da **Mais Valia** e, posteriormente, incorporado à obra **O Capital**, obra mais importante do autor. A teoria marxista da mais-valia pode ser compreendida da seguinte forma: pode-se supor que um funcionário leve 2 horas para fabricar um [par](#) de calçados. Nesse período ele [produz](#) o suficiente para pagar todo o seu trabalho. Mas, ele permanece mais tempo na fábrica, produzindo mais de um par de calçados e recebendo o equivalente à confecção de apenas um. Em uma jornada de 8 horas, por exemplo, são produzidos 4 pares de calçados. O [custo](#) de cada par continua o mesmo, assim também como o salário do proletário. Com isso, conclui-se que ele trabalha 6 horas de graça, reduzindo o custo do produto e aumentando os lucros do patrão. Esse valor a mais (mais-valia) é apropriado pelo [capitalista](#) e constitui o que Karl Marx chama de "Mais-Valia Absoluta". Além do operário permanecer mais tempo na fábrica o patrão pode aumentar a produtividade com a aplicação de tecnologia. Dessa forma, o funcionário produz ainda mais. Porém o seu salário não aumenta na mesma proporção. Surge assim, a "Mais-Valia Relativa". Com esse [conceito](#) Marx define a exploração capitalista. Após leitura do livro O Capital, sintetizo com as palavras de: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/1705312-karl-marx-conceito-mais-valia/>

²⁸ Partindo da constatação de que os membros e os grupos de uma [sociedade](#) são unidos por um [sistema](#) de relações de obrigação, isto é, por uma série de [deveres](#) e [direitos](#), ([privilégios](#)) [recíprocos](#), aceites e praticados entre si, a **estrutura social** refere-se à colocação e à posição de indivíduos e de grupos dentro desse sistema de [relações](#) de obrigação. Por outras palavras, o agrupamento de indivíduos, de acordo com as [posições](#) que resultam dos [padrões](#) essenciais de [relações de obrigação](#), constitui a **estrutura social** de uma sociedade. Por outras palavras, todo grupo social tem direitos e obrigações entre si, como foi estudado por Émile Durkheim em 1893, ao falar no seu livro de 1893: *De la division du travail social: étude sur la organization des sociétés supérieures*, Felix Alkan, Paris, texto analisado por mim em outros livros.. Pode ser lido em francês em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/division_du_travail/division_travail.html A importância de citar Durkheim dentro de esta introdução, é para entender que há duas maneiras de se relacionar entre os seres humanos, ou pela lei ou relações solidariedade orgânica; ou pelos usos e costumes, baseados nas ideias religiosas, como argumento num livro meu de 2008. O que interessa comentar é que a lei é normalmente pouco conhecida pela maior parte da população, pelo que se orienta por uma sociedade mecânica ou usos e costumes que residem na memória humana, individual e de grupo. Fonte: o livro de Durkheim, o meu de 2008: *O presente, essa grande mentira social*, Afrontamento, Porto e as palavras de http://pt.wikipedia.org/wiki/Solidariedade_social

religioso e os seus seguidores, e, como gosto sempre de acrescentar, os que pertencem à cultura dos doutores e os do povo. Estas ideias são denominadas método funcionalista²⁹, por cada pessoa ter um papel para realizar, uma função adscrita e adquirida, entregue pela vida cultural do grupo. Diferente das ideias do estruturalismo, definidas também na nota de rodapé do funcionalismo. A diferença é que o funcionalismo descreve, enquanto o estruturalismo compara e é dessa comparação que decide o que é útil e o que não parece ser verdade.

Nenhuns destes métodos eram satisfatórios para Karl Marx. Aliás, eram métodos que ainda não existiam dentro da cronologia do tempo, era impossível, por isso, usá-los. Não havia a ideia de método comparativo, apenas a cartesiana de ver para acreditar. Na procura de entender a realidade, usou ideias políticas, a partir das quais elaborou um método, retirado dos seus estudos com Hegel, o dialéctico. Ao usar a economia como base da análise das relações sociais, conjugando-a com o método referido, cria o método materialista dialéctico. Recorrendo à teoria económica socialista de David Ricardo, usada para entender a definição do valor do trabalho, aprendendo com Quesnay o

²⁹ *O método funcionalista, utilizado por BRONISLAW MALINOWSKI (1884-1942), é, a rigor, mais um método de interpretação que de investigação. O método funcionalista enfatiza as relações e o ajustamento entre os diversos componentes de uma cultura ou sociedade. Assim sendo, este método visa ao estudo da sociedade do ponto de vista da função das suas unidades, uma vez que considera toda actividade social e cultural como funcional ou como desempenho de funções. Exemplo: averiguação da função dos usos e costumes, no sentido de assegurar a identidade cultural do grupo.*

O método estruturalista, desenvolvido por LÉVIS-STRAUSS, parte da investigação de um fenómeno concreto, atinge o nível do abstracto, através da constituição de um modelo que represente o objecto de estudo, retornando ao concreto, dessa vez como uma realidade estruturada e relacionada com a experiência do sujeito social. O método estruturalista, portanto, caminha do concreto para o abstracto e vice-versa, dispondo, na Segunda etapa, de um modelo para analisar a realidade concreta dos diversos fenómenos. Exemplo: estudo das relações sociais e a posição que estas determinam para os indivíduos e os grupos, com a finalidade de construir um modelo que passa a retratar a estrutura social onde ocorrem tais relações. A conceituação empregada por Gil (1988) é a seguinte: "O termo estruturalismo é utilizado para designar as correntes de pensamento que recorrem à noção de estrutura para explicar a realidade em todos os níveis." Para sintetizar, retirei estas palavras do texto: Trabalho apresentado à Universidade Católica de Brasília, como requisito avaliativo da disciplina

Metodologia Científica II, sob regência do Professora Doutora Eunice Soriano de Alencar, do Curso de Mestrado em Educação, área de concentração Ensino-Aprendizagem.: Fernando Gil, filósofo português, ensaísta e professor universitários nos mais diversos países, nascido em 1937 em Maputo. Licenciou-se em Direito em Lisboa, após um ano de Sociologia em Joanesburgo. Contudo, não termina o estágio de advocacia e parte para a cidade de "l'amour", Paris, onde tira a licenciatura em Filosofia, pela Universidade de Sorbonne.

SAINT-CLAIR

CARDOSO

DE

ARAÚJO

Brasília – DF, Outubro / 2000. Em: http://www.iesambi.org.br/apostila_2007/metodos_pesquisa.htm

mercantilismo e com Smith, a inclinação do ser humano para o trabalho e discordando dos três autores, cria a sua própria teoria, que levaria anos a formular, a do capital, que passaremos a analisar.

Mas antes, quero novamente reiterar, que não defendo que Marx tenha sido um homem religioso, mas sim um profundo conhecedor sobre ideias de fé e confissão (não nos esqueçamos que foi catequizado nas ideias de Lutero sobre economia e religião), ideias que soube usar para a criação da sua própria teoria do materialismo histórico.

Voltemos então à teoria sobre o Capital e ao texto redigido por Jenny Marx, que começa com a análise das condições históricas da revolução europeia: *Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa unem-se numa Santa Aliança para conjurá-lo: o papa e o czar, Metternich³⁰ e Guizot³¹, os radicais da França e os policiais da Alemanha. Que partido de oposição não foi acusado de comunista por seus adversários no poder? Que partido de oposição, por sua vez, não lançou a seus adversários de direita ou de esquerda a pecha infamante de comunista?*

Duas conclusões decorrem desses factos:

1a. O comunismo já é reconhecido como força por todas as potências da Europa;

2.a. É tempo de os comunistas exporem, à face ao mundo inteiro, seu modo de ver, seus fins e suas tendências, opondo um manifesto do próprio partido à lenda do espectro do comunismo”³². Marx e Engels estão conscientes que o seu objectivo é um

³⁰ Klemens Wenzel Lothar Nepomuk von Metternich, [príncipe de Metternich-Winneburg-Beilstein](#), (Coblença, 15 de maio de 1773 — Viena, 11 de junho de 1859) foi um [diplomata](#) e [estadista](#) do [Império Austríaco](#).

Após a queda de [Napoleão](#), apoiou vigorosamente a restauração da [dinastia](#) dos [Bourbon](#) em [França](#), e foi um dos mais distintos apoiantes da reconquista [absolutista](#) em [Portugal](#), por [D. Miguel](#), opondo-se vivamente ao governo [liberalista](#), após o retorno deste ao poder português. Presidiu o [Congresso de Viena](#), tendo influenciado profundamente as decisões tomadas neste.

³¹ **François Pierre Guillaume Guizot** (n. 4 de Outubro de 1787, Nîmes - f. 12 de Setembro de 1874) foi um político francês. Ocupou o cargo de [primeiro-ministro da França](#), entre 19 de Setembro de 1847 a 23 de Fevereiro de 1848. Se Guizot é referido no Manifesto, deve-se a coincidência de datas entre a redacção do Manifesto e a chefia da burguesia pelo Primeiro-ministro da França, que era Guizot.

³² É, de facto, o começo de um texto com ataque violento, como comenta no seu texto *O Manifesto Comunista e O Pensamento Histórico*, Virgínia Fontes, Professora da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil. Artigo publicado em colectânea organizada por Daniel Aarão Reis Fº, Rio, Editora Contraponto, 1997, que diz, entre outras ideias: O Manifesto Comunista se inicia por uma provocação política, breve porém incisiva — “um fantasma ronda a Europa: o fantasma do comunismo” — e apresenta as concepções, objectivos e tendências dos comunistas. Antes, porém, de apresentá-las, de definir alianças ou projectos políticos, o primeiro capítulo é dedicado à explanação sobre o processo histórico no qual se constituem tanto os burgueses como os proletários. Texto completo em:

facto que aterroriza a burguesia e os proprietários do capital. *O Manifesto* é um documento histórico que argumenta sobre a substituição de antigas religiões por novas formas de fé, do nascimento do proletariado (com o fim do feudalismo) e do domínio de outro grupo, a burguesia, em tempos, revolucionário. Burguesia que se rebelou contra a aristocracia ou proprietários feudais de terras que rendiam, sem serem trabalhadas por eles. A base era o contrato de enfiteuse.³³ Operavam sobre os terrenos trabalhadores rurais ou foreiros, ou pessoas sujeitas ao proprietário das terras, que deviam pagar foro ou pensão anual que o enfiteuta paga ao senhorio directo. *Enfiteuta* ou pessoa que tem o domínio útil do prédio por enfiteuse ou convenção pela qual o dono de um prédio transfere para outrem o seu domínio útil em troca de um foro. O domínio da terra tinha quatro direitos nos tempos do feudalismo e em sítios onde ainda hoje impera a enfiteuse, como na Beira Alta, em Portugal, no Sul de França e em terras ao pé da Cordilheira dos Andes, especialmente no sítio que estudo, Comunas da Pencahue, Corinto e Chanco³⁴: útil ou usufruto, directo ou propriedade, direito de uso e, o mais importante para o proprietário privado e directo da terra, o direito de raiz, direito que define a vinculação de propriedade privada da terra entregue em enfiteuse ou usufruto³⁵. O direito de raiz era o mais cobiçado pela burguesia. A terra era entregue a habitantes rurais (trabalhadores que tomam a designação de caseiros ou rendeiros, entre outras, dependendo da parte do mundo em que os trabalhos rurais sejam exercidos) que a trabalhavam como se fosse deles, até ao ponto de a poder herdar (por várias gerações). Certo, e de direito legislado pelo Código Civil, é o dever de entrega de metade do fruto da terra ao proprietário directo (o do direito de raiz), como tenho definido em vários livros³⁶. Esta convenção entre o proprietário do direito de raiz e o usufrutuário ou quem

http://resistir.info/marx/manifesto_vfontes.html. Em francês, em: <http://www.u-paris10.fr/ActuelMarx/indexm.htm>. A obra toda, em: <http://resistir.info>

³³ Convenção pela qual o dono de um prédio transfere para outrem o seu domínio útil em troca de um foro.

³⁴ Factos estudados por mim e Blanca Iurra, que tem como resultado o livro de (2007) 2009: *Yo, Maria del Totoral*, editado pela Universidade Autónoma do Chile, sede de Talca.

³⁵ Acto ou efeito de usufruir ou de gozar os frutos ou rendimentos de alguma coisa que pertence a outrem.

³⁶ Os mais importantes, são o de 1980: *Strategies in the domestic organization of production in rural Galicia*, em *Cambridge Anthropology*, vol.6, nºs 1 e 2, Cambridge University Press ; 1989: *La reproduction hors mariage (1862-1983)*, *Études Rurales* Nº 113-114, Janvier – Juin, Collège de France; 1992: *Changement et Continuité: la paysannerie en transition dans une paroisse Galician*, CUP, Maison de Sciences de l'Homme Paris; 1988: *Antropologia Económica de la Galicia Rural*, editado pela Xunta de Galicia Publicações, Santiago de Compostela, texto no qual defino todas as relações diferentes do ser humano com a terra e os seus produtos, para tornar a definir 25 anos depois, comentado em: <http://baleirasensaio.blogspot.com/2006/03/antropologia-econmica-ddiva-emprstimo.htm> 1 O resultado foi o livro de 1998, Editado pela Profedições, Porto: *Como era quando não era o que sou. O crescimento*

goza de usufruto, era um problema económico histórico que preocupava Marx, Engels e a Liga Comunista. Para tratar deste e de outros assuntos, reuniram-se em Londres comunistas de várias nacionalidades, donde saiu o texto *Manifesto*, publicado em inglês, francês, alemão, italiano, flamengo e dinamarquês³⁷.

Marx, o ideólogo do Manifesto, refere o conceito religião em curtas frases. O objectivo era só referir as mudanças que experimentam as crenças ao longo do tempo. Engels mencionou apenas dois princípios básicos do comunismo e as suas consequências, assim: *O trabalho industrial moderno, a sujeição do operário pelo capital, tanto em Inglaterra como em França, na América como na Alemanha, despoja o proletário de todo o carácter nacional. As leis, a moral, a religião são para ele meros preconceitos burgueses, por detrás dos quais se ocultam outros tantos interesses burgueses*³⁸. Para provar o que ele já sabia, fez acrescentar, à redactora Jenny, estas palavras: *Quanto às acusações feitas aos comunistas em nome da religião, da filosofia e da ideologia em geral, não merecem um exame aprofundado*³⁹. Penso que Marx se enganou com este seu comentário. As acusações da burguesia eram tão fortes e de tanta falácia, que quer o Partido Comunista⁴⁰, quer a Liga Comunista precisaram de

das crianças, texto no qual estudo a relação com a terra desde o Século XV, no mesmo sítio, a Paroquia de Vilatuxe na Galiza, Província de Pontevedra, Concelho de Lalín. Conceitos estudados outra vez por mim, na Freguesia de Vila Ruiva, Concelho de Nelas, Província da Beira Alta, comentado em: http://www.si.ips.pt/ese_si/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=5531 Textos todos comentados no decorrer deste livro. Comentados outra vez nesta secção deste livro, para sustentar os meus argumentos e avaliação sobre o *Manifesto Comunista*.

³⁷ Apesar de ter sido elaborado em 1847 em Paris por Marx sobre a base do texto referido de Engels, *O Manifesto Comunista* foi escrito e redigido por Jenny Marx, pouco antes de estalar na França a revolução de 1848. Foi escrito e publicado em alemão em Londres: a Liga Comunista teve a ideia de organizar um Manifesto para o seu grupo, organização baseada na Alemanha, com ramificações em outros países, como na França, especialmente em Marselha. Seu chamado aos trabalhadores de todos os países para que se unissem era completamente internacional; os alemães que o aprovaram eram operários de mentalidade internacional, que viveram desterrados de sua própria nação e tomaram parte nos movimentos operários dos países em que temporariamente residiram, sobretudo da França. Acreditavam que era sua missão substituir os franceses como líderes doutrinários do proletariado mundial, ou pelo menos isso acreditava Marx e eles o aceitaram.

³⁸ Página 7 do texto citado, que pode ser lido em: http://ateus.net/ebooks/geral/marx_manifesto_comunista.pdf

³⁹ Página 10 do Manifesto Comunista, da versão citada em pdf

⁴⁰ Um **partido comunista** é aquele que segue os ideais defendidos pelos filósofos alemães [Karl Marx](#) e [Friedrich Engels](#) na obra *O Manifesto do Partido Comunista*, de 1848. Ao longo da história, em quase todos os países do mundo, existiram e existem partidos comunistas. A expressão pode se referir a diversos contextos, a diversas linhas ideológicas. O conceito advém da palavra francesa *communiste*. A sua definição é: Sistema político, económico e social que tende para a supressão da luta de classes pela colectivização dos meios de produção. O conceito é definido por Jules Guedes, no seu texto de 14 de Maio de 1882, no jornal bovesiano *L'Egalité*, texto intitulado: *Une formule pretendi communiste: L'Egalité*, que começa por dizer: *Le vieux cliché – prétendu communiste – " de chacun selon ses forces, à chacun selon ses besoins " tend à redevenir à la mode. En vain un de ses pères, M. Louis Blanc, l'a compromis dans les fusillades de Juin 48 et les mitraillades de Mai 71. Des socialistes du Parti ouvrier,*

permanecer na clandestinidade. O nome dos autores do Manifesto Comunista, eram desconhecidos por todo o mundo, ainda mais, os dos membros da Liga. Poucos bovesianos de Marselha, membros da instituição que tinham solicitado a redacção de um Manifesto para honrar a Babeuf, conheciam a autoria. Essas 21 páginas foram publicadas como panfleto, por outras palavras, um folheto escrito em estilo violento, ou obra impressa de carácter não periódico, com mais de quatro e menos de 48 páginas, sem contar com as da capa. O segredo da autoria derivava da perseguição que a burguesia, já não revolucionária, fazia dos radicais revolucionários, quer do Partido Comunista (organizado por Marx), quer da Liga dos Comunistas, derivada dos princípios de Babeuf. Não apenas era real a ameaça de tirar os postos de trabalho aos membros da Liga ou de qualquer comunista (tal o medo de perder os [sinecurismos](#)⁴¹ ou prebendas adquiridas no seu triunfo na Revolução Francesa), bem como podiam ser mortos ou encarcerados. Foi a etapa mais dura para os socialistas durante a sua história. A burguesia tinha criado, organizado e investido nas indústrias⁴², era proprietária de meios de produção que rendiam alto lucro. Controlava a circulação e a cunhagem da moeda, emprestava dinheiro com juros muito altos à aristocracia empobrecida, e apropriava-se dos bens dessa classe que ia definhando, até os títulos nobiliários para saldar contas foram comprados/adquiridos. Se a burguesia era revolucionária, fica em

sans que l'on puisse s'expliquer comment et pourquoi, l'ont repris à leur compte et l'opposent comme un pas en avant à la formule collectiviste : *De chacun selon les nécessités de la production, à chacun selon son temps de travail.* Crónica do jornal citado, baixado da Bibliothèque National de Paris. Em português seria: *O antigo cliché – pretensamente comunista – “de cada um conforma à sua forças, para cada um conforme as suas necessidades, torna a estar na moda. Em vão um dos seus pais, Louis Blanc, tem tentado introduzir o conceito após os fuzilamentos de Junho de 1848 e dos metralhados de Maio de 1871. Os socialistas do Partido Obreiro, sem lhes explicar o como e o porquê, o converteram pela sua conta como um passo mais avançado da fórmula colectivista: de cada um conforme as suas necessidades de produção, para cada um conforme o seu tempo de trabalho.* O texto todo pode ser lido em http://fr.wikisource.org/wiki/Une_formule_pr%C3%A9tendue_communiste Referências em todas as entradas Internet da página web: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Biblioth%C3%A9que+National+de+Paris++Journal+L%27Egalit%C3%A9&btnG=Pesquisar&meta=>.

⁴¹ Sistema governamental que favorece as sinecuras ou emprego remunerado, de pouco ou nenhum trabalho.

⁴² **Indústria** é toda actividade humana que, através do trabalho, transforma [matéria-prima](#) em outros [produtos](#), que em seguida podem ser, ou não, [comercializados](#). De acordo com a [tecnologia](#) empregada na [produção](#) e a quantidade de capital necessária, a actividade industrial pode ser artesanal, manufactureira ou fabril.

O processo de produção industrial é também conhecido como [sector secundário](#), em oposição à agricultura ([sector primário](#)) e ao comércio e serviços ([setor terciário](#)), de acordo com a posição que cada actividade normalmente está na cadeia de produção e consumo. Hoje em dia o processo industrial é capitaneado pelas [multinacionais](#).

Também se pode usar o termo indústria, genericamente, para qualquer grupo de [empresas](#) que compartilham um [método](#) comum de gerar dividendos, embora não sejam necessariamente do segundo sector, tais como a indústria de Marcos Malheiros, a [indústria bancária](#) ou mesmo a [agroindústria](#).

mim uma grande dúvida e aparece na minha cabeça a já citada frase do Príncipe Tomasi di Lampedusa: *Para nos salvar, é preciso apoiar-nos entrelaçando mãos e interesses, ou eles nos submeterão à República. Para que as coisas permaneçam iguais, é preciso que tudo mude*⁴³.

A luta de Marx contra a burguesia e a sua apropriação da mais-valia dos trabalhadores fê-lo confrontar um cientista que admirava e de quem tinha aprendido muito de teoria económica: o seu mestre (pelos livros) François Quesnay, defensor implacável da burguesia. No seu livro de 1758 (erradamente na Wikipédia é referida a publicação em 1778, quatro anos após a sua morte) divide as actividades económicas⁴⁴.

Os autores do *Manifesto Comunista* afirmam:

⁴³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Giuseppe_Tomasi_di_Lampedusa#O_Leopardo A história da sua vida começa assim: **Giuseppe Tomasi di Lampedusa** (Palermo, [23 de Dezembro 1896](#) — Roma, [23 de Julho 1957](#)) foi um [escritor italiano](#). Entre as suas obras conta-se o [romance *Il gattopardo*](#) (*O Leopardo*) sobre a decadência da aristocracia [siciliana](#) durante o [Risorgimento](#).

A única mudança permitida é aquela sugerida pelo príncipe de Falconeri: *tudo deve mudar para que tudo fique como está*, frase amplamente divulgada em todo o mundo.

⁴⁴ No *Tableau Économique*, Quesnay constrói o seu esquema de funcionamento do sistema económico. Neste esquema a sociedade acha-se dividida em três classes: a classe produtiva, constituída pelo conjunto dos arrendatários capitalistas e assalariados que desenvolvem suas actividades na agricultura e cujo trabalho é produtivo no sentido fisiocrático, isto é, como criador do produto líquido; a classe estéril, constituída pelo conjunto por todos aqueles que exercem sua actividade à margem da agricultura e cujo trabalho não é produtivo, ou melhor, é estéril, porque não produz excedente; e a classe dos proprietários de terras, que não desenvolve qualquer actividade económica e que possui o direito à percepção dessa renda, ou seja, de todo o produto líquido – fazem parte o rei, com sua corte e o conjunto dos funcionários públicos, e a Igreja. Todos estes percebem uma porção da renda, quer por serem eles mesmos proprietário – o caso do rei e da igreja – quer por ter o direito de arrecadar impostos – o rei – ou dízimo – a Igreja.

A indústria e o comércio são, assim, estéreis. Esta conclusão equivocada vai conduzir todo o trabalho de Quesnay, por não ter sabido ver que o rendimento do proprietário fundiário é um levantamento antecipado operado sobre o lucro do rendeiro e que o lucro se encontra tanto na indústria como na agricultura. Como na época a indústria era basicamente artesanal, o lucro era com frequência muito baixo, e confundido com o rendimento do trabalho executado. Fonte: as minhas aulas de Antropologia Económica, proferidas com tutoria em Cambridge, UK, na École des Hautes Études e Collège de France com Seminário com Maurice Godelier, Marie-Élisabeth Handman e Philippe Descolas e no ISCTE, Lisboa, com um grupo de colaboradores, hoje todos Doutores; e a 2ª Edição do *Quadro Económico*, Fundação Calouste Gulbenkian (1978) 1986. Síntese do texto em linha: <http://augusto-economia.vilabol.uol.com.br/francoisquesnay.htm>

*Será preciso grande perspicácia para compreender que as ideias, as noções e as concepções, numa palavra, que a consciência do homem se modifica com toda mudança sobrevinda em suas condições de vida, em suas relações sociais, em sua existência social?*⁴⁵ Esta frase dos ideólogos do Manifesto é praticamente uma análise – de psicologia e de psicanálise. Marx sabia e entendia como demonstra noutros textos, especialmente em *A Crítica a Filosofia do Direito de Hegel*, de 1843 e em *A Ideologia Alemã*, de 1846, ao falar de *alienação*⁴⁶ de bens retirados ao produtor, pagos pelo mais baixo valor que rende a sua produção, facto que transtorna as relações sociais, como é comentado no início do Manifesto – é uma ironia para a burguesia não revolucionária reparar que deve mudar porque o mundo não fica sempre igual. Existe a cronologia histórica, as invenções, as novas formas de pensar que, na época de Marx, iam mudando com tanta rapidez, que estes intelectuais nascem e morrem na época das revoluções. Eles próprios, pessoas revoltadas contra o comportamento da forma de extrair mais-valia dos trabalhadores, com o modo de produção capitalista, definem essa História e a sua cronologia, da seguinte maneira: *As relações de produção determinam todas as outras relações que existem entre os homens na sua vida social. As relações de produção são determinadas, elas próprias, pelo estado das forças produtivas....* Esta parte do texto, a mim, faz-me perguntar: o que são forças produtivas? A resposta é dada pelos próprios, dentro do *Manifesto*:

Como todos os animais, o homem é obrigado a lutar pela sua existência. Toda luta supõe um certo desgaste de forças. O estado das forças determina o resultado da luta. Entre os animais, estas forças dependem da própria estrutura do organismo: as

⁴⁵ Página 12 do Manifesto.

⁴⁶ O conceito é uma teoria de Marx, analisada por Bento XVI no seu texto Jesus de Nazaré de 2007, e no texto de Bertell Ollman (1971) 1976: *Alienation. Marx's conception of man in capitalist society*, Cambridge University Press, extractos do texto podem ser lidos em: <http://www.nyu.edu/projects/ollman/books/a.php>. No Capítulo 18 do livro, página 131 Ollman diz: *The theory of alienation is the intellectual construct in which Marx displays the devastating effect of capitalist production on human beings, on their physical and mental states and on the social processes of which they are a part*, frase retirada de http://www.nyu.edu/projects/ollman/docs/a_ch18.php. Não é de qualquer texto que Ollman escolhe partes da teoria. Está citada no livro *A Ideologia Alemã*, texto no qual Marx define a sua teoria da alienação, baseada no saber de Hegel e nas suas próprias conclusões. Nos princípios de Hegel, define-se um processo em que a consciência se torna estranha a si mesma, afastada da sua real natureza, exterior a sua dimensão espiritual, colocando-se como uma coisa, uma realidade material, um objecto da natureza.

No marxismo, processo em que o ser humano se afasta da sua real natureza, torna-se estranho a si mesmo na medida em que já não controla a sua actividade essencial (o trabalho), pois os objectos que produz e as mercadorias, passam a adquirir existência independente do seu poder e antagónica aos seus interesses. A fonte inclui outras, que não vou citar. No entanto, podem-se ler em: <http://www.areaseg.com/mural/msg/11601.php>

*forças de um cavalo selvagem são bem diferentes das de um leão, e a razão desta diferença reside na diversidade da organização. A organização física do homem tem naturalmente influência decisiva sobre sua maneira de lutar pela existência e sobre os resultados desta luta. Assim como, por exemplo, o homem é provido de mãos. Certo é que seus vizinhos, os quadrúmanos (os macacos) também têm mãos; mas as mãos dos quadrúmanos são menos perfeitamente adaptadas a diversos trabalhos. A mão é o primeiro instrumento de que se vale o homem na luta pela sua existência, como ensinou Darwin*⁴⁷.

É uma frase crítica para os que já tudo tinham e queriam passar a fazer parte do estabelecimento, governando os seus países conforme a sua conveniência: *Quando o mundo antigo declinava, as velhas religiões foram vencidas pela religião cristã; quando, no século XVIII, as ideias cristãs cederam lugar às ideias racionalistas, a sociedade feudal travava sua batalha decisiva contra a burguesia então revolucionária. As ideias de liberdade religiosa e de liberdade de consciência não fizeram mais que proclamar o império da livre concorrência no domínio do conhecimento*⁴⁸. Ideias do saber histórico e antropológico de Marx, aprendidas no Ginásio e na Universidade, sobretudo na época em que foi aderente das ideias do religioso Hegel. Este parágrafo merece dois comentários. Um, sobre o que aprendeu de Quesnay. Outro, sobre a sua ideia de religião. Começemos pelo segundo. Ele vivia na Prússia, onde o luteranismo era parte da política do Governo: endêmico e centralizador. Foi aí onde começou o problema com as pessoas da confissão hebreia ou *A Questão Judaica*⁴⁹, pelas que Marx

⁴⁷ Frase retirada, de formas sintética, do texto [Contribuição à Crítica da Economia Política](#), 1857-58 ou Grudrisse, publicada apenas em 1939, texto de de Karl Marx, tradução francesa de Léon Rémy, págs. III-IV, citada no artigo de Plekhanov de 1901: “A Conceição Marxista da História, que Anton Plekhanov não apenas lera no livro citado, bem como ouvira dizer a Marx e reproduz no texto que cito, a Conferência intitulada “Da Filosofia da História” feita em Genebra em 1901, texto completo que pode ser lido e copiado no sítio web: <http://www.marxists.org/portugues/plekhanov/1901/mes/concepcao.htm#topp>
Transcrição e HTML de: Fernando A. S. Araújo, Dezembro 2005.
Direitos de Reprodução: Marxists Internet Archive (marxists.org), 2005

⁴⁸ Frase retirada do Manifesto do Partido Comunista, página 72 das Obras completas de Marx e Engels, podem ser lidas em: <http://books.google.pt/books?id=nKefMvOTCjK&pg=PA72&lpg=PA72&dq=Marx+Quando+o+mundo+antigo+declinava,+as+velhas+religi%C3%B5es+foram+vencidas+pela+religi%C3%A3o+crist%C3%A3&source=bl&ots=a11dZEC3iu&sig=QqMbqdzU4heoktzDnHRgbBxTZ3Y&hl=pt-PT#PPA44,M1>

⁴⁹ O artigo *A Questão Judaica* foi escrito em 1843 e publicado pela primeira vez em Fevereiro de 1844 no jornal no qual Marx era redactor e um dos seus proprietários, o *Deutsch-Französische Jahrbücher* (English: *German-French Annals*). Era um periódico publicado em Paris por [Karl Marx](#) e [Arnold Ruge](#). Foi neste pretendido Anuário que Marx publicou o ensaio [On The Jewish Question](#). Foi criado como reacção à censura do seu jornal [Rheinische Zeitung](#). Este Anuário foi editado, em número duplo, apenas uma vez, em Fevereiro de 1844, por causa de desavenças de princípios teóricos entre os proprietários, especialmente entre Marx e o burguês radical Arnold Ruge e pelas dificuldades do introduzir clandestinamente na Alemanha.

se interessou e escreveu um artigo no seu jornal *Deutsch-Französische Jahrbücher*. O texto era um comentário a dois ensaios que Bruno Bauer⁵⁰ tinha escrito sobre as más formas com que eram tratados os judeus na Prússia e nos Estados Alemães. Reclamava que para viverem em paz judeus e cristãos, uma questão devia ser suprimida: a religião. No seu tom irónico, Marx responde que num Estado absolutista e confessional como a Prússia, essa emancipação era impossível, pelo que se tornava indispensável a emancipação dos Estados Alemães do centralismo absolutista que imperava. Era impossível separar as religiões, especialmente as mais antigas, como a judaica, que tinha sido absorvida pelos cristãos. *“A forma mais rígida de oposição entre o Judeu e o Cristão, é a contradição religiosa. Como se cria essa oposição à religião? Fazendo-a impossível. Como se faz impossível uma contradição religiosa? Neutralizando-a. Mal reconheçam Judeus e Cristãos que as suas respectivas religiões são apenas diferentes estágios da evolução da mente humana, diferentes viscosidades de serpente organizadas pela história, e que o homem é a serpente que as criou. As relações entre Judeus e Cristãos já não são mais uma questão religiosa, são apenas uma etapa crítica da história, da ciência e das relações humanas. Porém, a ciência sabe organizar a sua unidade”*⁵¹. Note-se como o autor não fala contra a religião. Faz, isso sim, uma análise sócio - histórica da utilidade das ideias religiosas, que com o tempo, as circunstâncias e a ambição, mudam. O autor não critica a mudança, faz um comentário da sua utilidade para determinados seres humanos que lucram com o trabalho de outros que recebem deles salários pelo trabalho que rende lucro. Era o saber de Marx utilizado no *Manifesto* ao esclarecer que as religiões antigas são absorvidas pelas novas. Sabido é e provado

⁵⁰ **Bruno Bauer** ([6 de Setembro](#) de [1809](#) - [13 de Abril](#) de [1882](#)) foi [filósofo](#), [teólogo](#) e [historiador alemão](#). Filho de um pintor de uma fábrica de porcelanas em [Eisenberg](#), Bauer estudou sob a orientação directa de [Hegel](#) até a morte deste. Hegel certa vez lhe concedeu um prémio académico por um ensaio filosófico criticando [Immanuel Kant](#). A maioria conhece **Bruno Bauer** (1809-1882) pela crítica demolidora que [Karl Marx](#) lhe dedicou (com a colaboração de [Friedrich Engels](#)), a ele e a seus seguidores mais próximos, num livro inteiro ([A Sagrada Família](#)) e num capítulo de outro ([A Ideologia Alemã](#)), como um filósofo “espiritualista”, “idealista”, pouco ligado à realidade histórica concreta, preso aos vícios de pensamento e de linguagem de [Hegel](#), a um modo de pensar em última análise “teológico”. http://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Bauer

⁵¹ O texto em ingles diz: *The most rigid form of the opposition between the Jew and the Christian is the religious opposition. How is an opposition resolved? By making it impossible. How religious opposition is made impossible? By abolishing religion. As soon as Jew and Christian recognize that their respective religions are no more than different stages in the development of the human mind, different snake skins cast off by history, and that man is the snake who sloughed them, the relation of Jew and Christian is no longer religious but is only a critical, scientific, and human relation. Science, then, constitutes their unity. But, contradictions in science are resolved by science itself.* Pode ser todo lido o em formato de papel já citado, ou em: <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1844/jewish-question/>

está, que a hebraica começara a existir milhares de anos antes de, parte dela, passar a ser cristã, estrutura organizada há apenas dois mil anos, com atribulada existência, que Marx não menciona. O autor é historiador social e não teólogo. Sabia de teologia, mas encontrou uma teoria melhor, a do materialismo histórico. No entanto, foi a atribulada confissão que aplicara para a sua análise da vida social...⁵².

A primeira questão já anunciada: a influência de Quesnay sobre a obra de Marx. É evidente que esta minha ideia é retirada do que conheço Marx aprendeu das suas leituras de François Quesnay, que fomentava o mercantilismo, ou seja, a concorrência livre para a carestia da vida. É impossível esquecer que Marx aprendeu de Quesnay o tratamento da terra e de como devia ser usada: pelo proprietário, caso houvesse – caso houvesse, o ideal dos princípios do comunismo: acabar com a propriedade privada. Quesnay teimava que a terra devia ser trabalhada no tempo que a natureza floria. Nos seus textos para a Enciclopédia⁵³ de Diderot e D’Alambert, *Métayer*⁵⁴ (*Rendeiros em*

⁵² Ideia retirada da página 10 (do pdf) do Manifesto Comunista.

⁵³ *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* foi uma das primeiras [enciclopédias](#), tendo sido publicada em [França](#) no [século XVIII](#). Os volumes finais foram publicados em [1772](#).

Esta grande obra, compreendendo 28 volumes, 71 818 artigos, e 2 885 ilustrações, foi editada por [Jean le Rond d'Alembert](#) e [Denis Diderot](#). D'Alembert deixou o projecto antes do seu término, sendo os últimos volumes obra de Diderot. Muitas das mais notáveis figuras do [Iluminismo](#) francês contribuíram para a obra, incluindo [Voltaire](#), [Rousseau](#), e [Montesquieu](#).

Os escritores da enciclopédia viram-na como a destruição das superstições e o acesso ao conhecimento humano. Foi um sumário quintessência do pensamento e das ideias do [Iluminismo](#). Na França do [ancien régime](#), no entanto, causaria uma tempestade de controvérsia. Isto foi devido em parte pela sua tolerância religiosa. A enciclopédia elogiava pensadores protestantes e desafiava os dogmas da [Igreja Católica Romana](#). A obra foi banida na totalidade, mas porque ela tinha apoiantes em altos cargos, o trabalho continuou e cada volume posterior foi entregue clandestinamente aos subscritores.

Foi também um vasto compêndio das tecnologias do período, descrevendo os instrumentos manuais tradicionais bem como os novos dispositivos da [Revolução Industrial](#) no [Reino Unido](#).



Fig.2: "Sistema figurativo do conhecimento humano", a estrutura pela qual a Encyclopédie estava organizada. Tinha três grandes ramos: memória, razão e imaginação

português) (1756/7) e *Les Moissons (Cereais em português)* (1757), são os que mais impressionam Marx. O primeiro, por narrar com minúcia as formas de vida e de trabalho, criticando Quesnay os Rendeiros (caseiros ou contrato a *meias*), que semeavam e permitiam a reprodução, dos animais, especialmente vacas e vitelos, em qualquer época do ano. Quesnay aplica o seu saber fisiológico dos seres humanos aos animais e ensina, onde o chamam, que há estações. Quer em *Rendeiros*, quer em *Cereais*, Quesnay divide o trabalho por estações do ano. O que encantou o nosso intelectual, que passou, também, a ser um fiel seguidor das ideias do Quadro Económico sobre a esterilidade do Comércio e da Indústria, como analisou no livro *O Capital*, recorrendo, porém, a outro conteúdo, esse não partilhar o lucro da indústria com os produtores. Como os rendeiros recebiam uma mísera parte dos produtos, que no caso dos trabalhadores, era um mísero salário, comparado com o lucro obtido pelo proprietário da oficina ou estabelecimento industrial, que emprega máquinas (fundição,

A *Encyclopédie* desempenhou um papel importante na actividade intelectual anterior à [Revolução Francesa](#).

Em 1750, o título completo era "*Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres, mis en ordre par M. Diderot de l'Académie des Sciences et Belles-Lettres de Prusse, et quant à la partie mathématique, par M. d'Alembert de l'Académie royale des Sciences de Paris, de celle de Prusse et de la Société royale de Londres*". A página – titular foi emendada à medida que d'Alembert adquiriu novos textos para a Enciclopédia títulos.

A *Encyclopédie* continha uma taxionomia do conhecimento humano (ver fig. 2) que era inspirada no "*Advancement of Knowledge*" de [Francis Bacon](#).

Nele, os três ramos principais do conhecimento são "Memória"/[História](#), "Razão/[Filosofia](#)", e "Imaginação"/[Poesia](#). Notável o facto de a Teologia se encontrar dentro (abaixo) da "Filosofia". [Robert Danton](#) afirma que esta categorização da religião como sujeita à razão humana foi um factor significante na controvérsia que envolveu a obra. Note-se também que "Conhecimento de Deus" está a poucos nódulos de distância de 'Divinação' e 'Magia Negra'.

⁵⁴ Quesnay, François, 1694 – 1774, economista francês, fundador da Escola Fisiocrata da Economia. Os seus estudos económicos começaram em 1756, ao escrever os textos *Fermiers (Rendeiros)* e *Grains ou Les Moissons*, ou Cereais para a *Encyclopédie*, ou *dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. O seu trabalho mais importante foi *O Quadro Económico* de 1758, que Marx usara para as suas análises. Diz a história que o livro foi impresso pelos manos do próprio Rei, Luis XV. Quesnay e os seus seguidores pensavam que O Quadro Económico sintetizavam as leis naturais da economia. Quesnay e outros [physiocrats](#) influenciaram profundamente o pensamento de Adam Smith. As obras de Quesnay foram compiladas em um texto que tem por nome *Œuvres économiques et philosophiques* (com estudos biográficos do autor e uma introdução, em 1888). As obras para a Enciclopédia Francesa ou Dicionário Racional das Ciências, das Artes e dos Ofícios. A sua contribuição foi: (1756/7) 1888 *Les Moissons* ou *Ceráis e Métayer* ou *Rendeiros*, em *Œuvres de Quesnay*, Onken, Paris, obras escritas para A *Encyclopédie* de Diderot et D'Alembert, Tomo VI, p528-540 e tomo VII, p 812-831 Podem ser lidas em linha, em: http://books.google.pt/books?id=ZSZJFx5HxJcC&pg=PA1437&lpg=PA1437&dq=Oeuvres+%C3%A9conomiques+et+philosophiques+de+F.+Quesnay+:+fondeur+du+syst%C3%A8me+physiocratic...+/+publ.+avec+une+introd.+et+des+notes+par+Auguste+Oncken&source=bl&ots=j0fzbrOtHn&sig=sB5Q6sogRoi9Lz56FiXrK3LI3oY&hl=pt-PT&ei=D80WSrm0EJ3LjAf0ysHqDA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3 ou em Gallica: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k829070>.

A obra de Quesnay pode também ser lida no motor de pesquisa *Les classiques des sciences sociales*, em: http://classiques.uqac.ca/classiques/quesnay_francois/quesnay_francois.html.

serralharia, etc.) produzindo bens em série, em grandes quantidades para vender de forma ampla e não fraccionada. Críticas de Marx, retiradas do seu saber de Quesnay e de Smith.

Saber que permite aos autores do *Manifesto* afirmar: “ *Que demonstra a história das ideias senão que a produção intelectual se transforma com a produção material? As ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante*⁵⁵. Mais uma acha para a fogueira da ideologia materialista e da sua base histórica. Este ideólogo do *Manifesto*, mais tarde, noutra obra de 1867, (I Volume) *O Capital*, prova que a História não é uma sucessão de factos, mas sim o desenvolvimento material dos meios de produção. Desenvolvimento que transforma a sociedade ao ritmo da Revolução Industrial. Acrescentam os autores ideológicos e ideológicos-material, como Jenny, que pensava e redigia este, como outros textos de Marx.: *Sem dúvida, – dir-se-á – as ideias religiosas, morais, filosóficas, políticas, jurídicas, etc., modificaram-se no curso do desenvolvimento histórico, mas a religião, a moral, a filosofia, a política, o direito mantiveram-se sempre através dessas transformações*⁵⁶. Estas aparentes palavras difíceis de Marx, conseguem-se destrançar sem grande trabalho: são ideias que orientam o comportamento, mudam de conteúdo conforme os tempos, mas as estruturas permanecem. Os estudos de Direito de Marx e o aprendido com Georg Wilhelm Friedrich Hegel⁵⁷, presbítero luterano, filósofo formado em Direito, permitiam-lhe analisar que a organização do que está mandado pela lei e a teologia, passa a ser permanente. O seu conhecimento de Direito Romano permite-lhe dizer que além das estruturas, *há verdades eternas, como a liberdade, a justiça, etc., que são comuns a todos os regimes sociais. Mas o comunismo quer abolir estas verdades eternas, quer abolir a religião e a moral, em lugar de lhes dar uma nova forma, e isso contradiz todo o desenvolvimento histórico anterior*⁵⁸. Mas Marx não se tranquiliza com estas ideias. No início do *Manifesto Comunista*, define de uma vez e para sempre – digo para sempre, porque é a base do seu comportamentos político e pesquisa como intelectual, esta ideia que vou citar e pela qual o marxismo tem sido julgado, verdade que, apesar da

⁵⁵ Página 12 do texto em análise.

⁵⁶ Mesmo texto, mesma página e no mesmo sítio web.

⁵⁷ Georg Wilhelm Friedrich Hegel ([Estugarda, 27 de Agosto de 1770](#) — [Berlim, 14 de Novembro de 1831](#)) foi um [filósofo alemão](#). Recebeu a sua formação no [Tübinger Stift](#) ([seminário](#) da [Igreja Protestante em Württemberg](#)).

Era fascinado pelas obras de [Spinoza](#), [Kant](#) e [Rousseau](#), assim como pela [Revolução Francesa](#). Muitos consideram que Hegel representa o ápice do [idealismo](#) alemão do [século XIX](#), que teve impacto profundo no [materialismo histórico](#) de [Karl Marx](#).

⁵⁸ Página 12 do *Manifesto* (em pdf).

mudança na forma de vida dos trabalhadores e os seus ingressos, mantém-se igual – A base da sua teoria é esta: *A história de todas as sociedades que existiram até aos nossos dias tem sido a história das lutas de classes.*

*Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta*⁵⁹. As palavras de Marx e Engels são duras, mas correspondem à verdade. Desde que sabemos a história do mundo, verifica-se que as relações são antagónicas, especialmente em relação ao trabalho. Estas ideias estão definidas no livro de Adam Smith de 1776 e nos textos também citados de François Quesnay. Eles não falam de luta de classe, mas estudando esses livros sob o prisma da teoria materialista, pode-se apreciar que os grupos são em pares, como tenho salientado no parágrafo anterior. Um tipo de história cronológica, que narra factos conforme os anos do seu acontecimento. Outra, é a história analítica que procura factos ao longo do tempo, orientada por uma ideia, como no caso do materialismo e repara que no mundo sempre houve guerras e essas guerras eram entre os que tinham posses e os que obedeciam por nada ter. Adam Smith denomina a inclinação do ser humano para o trabalho, Quesnay fala de trabalho produtivo e improdutivo ou agricultores e industriais. Até onde eu me lembro, é a primeira vez no campo da análise social, em que os grupos aparecem repartidos entre *opressores* e *oprimidos*. As guerras nunca tinham sido classificadas como luta de classes, apenas como amor à Pátria, à defesa de uma Nação ou Estado, ou lutas pela independência do controlo de um Estado invasor. No entanto, eram resultado de lutas pelo poder e o lucro: luta de classes. As lutas dentro do mesmo país, tinham e são denominadas revoluções, mas, se ouvimos o alarido dessas lutas, podemos apreciar que normalmente são levantamentos do povo oprimido contra o grupo opressor ou, pelo menos, sentido como tal. Dois exemplos, dentro da minha vida, saltam de imediato à minha memória e recordações: o alçamento das forças armadas contra um governo democrático no Chile, em 1973; e esse não poder suportar mais as perseguições, detenções injustas, o apagar do saber matérias importantes para a análise social e as guerras injustas contra povos africanos, que acabaram por rebentar no que hoje designamos 25 de Abril, acontecido em 1974 em Portugal.

⁵⁹ Páginas 12-13, mesmo texto

O resultado da análise do *Manifesto*, pode-se sintetizar com frases do mesmo texto. Uma delas, cumprida e contundente, diz: *A burguesia despojou de sua auréola todas as actividades até então reputadas veneráveis e encaradas com piedoso respeito. Do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta, do sábio fez seus servidores assalariados.*

*A burguesia rasgou o véu de sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a simples relações monetárias. A burguesia revelou como a brutal manifestação de força na Idade Média, tão admirada pela reacção, encontra seu complemento natural na ociosidade mais completa. Foi a primeira a provar o que pode realizar a actividade humana: criou maravilhas maiores que as pirâmides do Egipto, os aquedutos romanos, as catedrais góticas; conduziu expedições que empanaram mesmo as antigas invasões e as Cruzadas. A burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, como isso, todas as relações sociais. A conservação inalterada do antigo modo de produção constituía, pelo contrário, a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. Essa revolução contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de ideias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se ossificar. Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas*⁶⁰. Após a leitura do parágrafo anterior, aparece no meu pensamento uma pequena ideia: a burguesia era apenas um grupo de seres humanos sabidos, com tempo para criar monumentos, aprofundar as ideias por ter tempo e dinheiro para estes avanços. Se é denominada revolucionária, é por causa dos membros dessa classe terem outras pessoas para trabalhar por eles na produção de bens, tendo, assim, horas vagas ou tempo a mais usados em tarefas de criação. Este facto foi observado também pelos autores do *Manifesto*. Note-se esta frase do texto: *A burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, como isso, todas as relações sociais*⁶¹. Talvez seja como

⁶⁰ Retirado da página 3 do *Manifesto*.

⁶¹ Página 3 do *Manifesto* em pdf

comentário este parágrafo escrito por Atílio Borón⁶², na base do seu livro, das obras de Isahia Berlin⁶³ e de David McLellan, que diz no seu texto de 1971: *Una segunda aresta crítica da dialéctica marxista é a tese da provisoriedade da existência humana. Se na sua versão hegeliana esta tese limitava – se ao universo das ideias e dos valores, e a insanável fugacidade das ideias dominantes, na síntese marxista esta provisoriedade estende-se ao conjunto da vida social. Não são apenas as ideias que se encontram submetidas a uma tal transitoriedade, também todas as instituições – a propriedade privada dos meios de produção, a igreja, a monarquia, o estado, como também os diversos grupos e classes sociais – todos os que, com esta teoria materialista, encontram-se privados do tão desejado dom da eternidade*⁶⁴. Entende-se claramente o escândalo causado por esta radical reformulação social marxista da dialéctica hegeliana, ao produzir uma ferida narcisista impossível de sarar na auto estima de uma sociedade burguesa habituada a crer-se e a pensar-se, como foi feito na base da obra de Hegel – como o cume do processo histórico. Ferida narcisista apenas comparável à produzida, pouco antes da publicação do primeiro volume do *Capital* de Karl Marx (em 1867), pelas ideias de Charles Darwin de 1859⁶⁵ ao comprovar o ancestral de símio do orgulhoso homo sapiens, ou a que iria a infringir, na mudança do século, Sigmund Freud e a sua descoberta do inconsciente e pôr em evidência as raízes nem sempre conscientes da conduta humana. O que antes parecia como um tema tabu, a santidade e

⁶² Boron, Atilio A. *Filosofia política e crítica da sociedade burguesa: O legado teórico de Karl Marx. En publicacion: Filosofia política moderna. De Hobbes a Marx* Boron, Atilio A. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; DCP-FFLCH, Departamento de Ciências Políticas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, Universidade de Sao Paulo. 2006. ISBN: 978-987-1183-47-0

⁶³ Berlin, Isaiah (1964) *Karl Marx* (Buenos Aires: Sur).

⁶⁴ McLellan, David 1971 *The Thought of Karl Marx. An Introduction* (New York: Harper Torchbooks), página 116

⁶⁵ **Charles Robert Darwin** ([Shrewsbury, 12 de Fevereiro de 1809](#) — [Downe, Kent, 19 de Abril de 1882](#)) foi um [naturalista britânico](#) que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da [evolução](#) e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da [selecção natural](#) e [sexual](#)[1]. Esta teoria se desenvolveu no que é agora considerado o paradigma central para explicação de diversos fenômenos na [Biologia](#). [2] Foi laureado com a [medalha Wollaston](#) concedida pela [Sociedade Geológica de Londres](#), em 1859. Fonte: ↑ [The Complete Works of Darwin Online - Biography](#); John [van Wyhe 2008](#), entre outros textos. John van Wyhe é um historiador da ciência, normalmente reside na Universidade de Cambridge. Tem sido o fundador e Director do programa [Darwin Online](#), Membro Adjunto do [Christ's College](#) (A Faculdade de Darwin) e membro da [British Society for the History of Science](#). A pesquisa recente de Van Wyhe's, tem desafiado a ideia de que Darwin teria mantido em segredo a sua teoria durante 20 anos ([Darwin's delay](#)). Van Wyhe hoje em dia esta a publicar três livros e vários ensaios curtos escritos por Darwin para o ano [2009: Darwin's shorter publications](#), *Darwin's notebooks from the voyage of the Beagle*, um pequeno panfleto sobre [Darwin in Cambridge](#) e uma biografia de [Darwin](#), à que já se pode aceder. O livro que comocionara ao mundo, especialmente a burguesia, é de 1859, Cambridge University Press, e tem por título *The descent of Man and Selection in Relation to Sex*- o que em luso brasileiro tem sido traduzido em 1974, como *A origem do Homem e a Selecção Natural*, Hemus, São Paulo- Texto que pode ser lido em inglês em: <http://www.talkorigins.org/faqs/origin.html>

intangibilidade das instituições fundamentais da sociedade capitalista, eram agora objecto de uma crítica irreverente, blasfema e mortífera por parte de um personagem que, como comentava o primeiro comunista alemão, Moses Hess⁶⁶, em carta endereçada a um amigo em 1842: *era (Marx) o único autêntico filósofo que hoje tem a Alemanha:*

*Combina a seriedade filosófica mais profunda com o talento mais mordaz. Imagine a Rousseau, Voltaire, Holbach, Lessing, Heine e Hegel fundidos numa só pessoa – digo fundidos e não confundidos num monte – e o meu amigo terá o Dr. Marx.*⁶⁷

O Manifesto acaba com uma revisão da actividade política dos partidos comunistas e do socialismo em todos os países da Europa e com uma expressão de temor: Uma parte da burguesia procura remediar os males sociais com o fim de consolidar a sociedade burguesa. Nessa categoria enfileiram-se os economistas, os filantropos, os humanitários, os que se ocupam em melhorar a sorte da classe operária, os organizadores de beneficências, os protectores dos animais, os fundadores das sociedades de temperança, enfim os reformadores de gabinete de toda categoria.

Chegou-se até a elaborar esse socialismo burguês em sistemas completos.

Como exemplo, citemos a Filosofia da Miséria, de Proudhon.

Os socialistas burgueses querem as condições de vida da sociedade moderna sem as lutas e os perigos que dela decorrem fatalmente. Querem a sociedade actual, mas eliminando os elementos que a revolucionam e a dissolvem. Querem a burguesia sem o proletariado. Como é natural, a burguesia concebe o mundo em que domina como o melhor dos mundos possível. O socialismo burguês elabora em um sistema mais ou menos completo essa concepção consoladora. Quando convida o proletariado a realizar esses sistemas e entrar na nova Jerusalém, no fundo o que pretende é induzi-lo a manter-se na sociedade actual, desembaraçando-se, porém, do ódio que ele vota a essa sociedade.

⁶⁶ **Moses Hess** ([Bonn, 21 de junho](#) de 1812 - [Paris, 6 de abril](#) de 1875) foi um precursor do que mais tarde se chamaria [sionismo](#). As suas obras mais importantes são: *História santa da humanidade* (1837), *Triarquia europeia* (1841) e *Roma e Jerusalém* (1862). Mudou o seu nome para Moritz Hess, tendo mais tarde revertido para Moses.

Hess recebeu uma educação religiosa tradicional do seu avô, tendo, mais tarde, estudado [filosofia](#) na [Universidade de Bonn](#) e vivido em Paris como correspondente de um periódico [socialista](#) nos acontecimentos da revolução de 1848. Amigo e colaborador de [Karl Marx](#) e [Friedrich Engels](#). Nesta época era partidário da assimilação dos judeus. Posteriormente Hess deixou de atribuir às [causas económicas](#) e à [luta de classes](#) um papel preponderante na história, tendendo a privilegiar as lutas raciais e entre nacionalidades.

⁶⁷ Texto para ler em: http://www.kaosenlared.net/media/10/10583_0_Atilio_Boron.pdf

Uma outra forma desse socialismo, menos sistemática, porém mais prática, procura fazer com que os operários se afastem de qualquer movimento revolucionário, demonstrando-lhes que não será tal ou qual mudança política, mas somente uma transformação das condições da vida material e das relações económicas, que poderá ser proveitosa para eles. Notai que, por transformação das condições da vida material, esse socialismo não compreende em absoluto a abolição das relações burguesas de produção – o que só é possível por via revolucionária, – mas, apenas reformas administrativas realizadas sobre a base das próprias relações de produção burguesas e que, portanto, não afectam as relações entre o capital e o trabalho assalariado, servindo, no melhor dos casos, para diminuir os gastos da burguesia com seu domínio e simplificar o trabalho administrativo de seu Estado. O socialismo burguês só atinge uma expressão adequada quando se torna uma simples figura de retórica⁶⁸.

Os meus comentários são evidentes. No entanto, há mais um comentário que quero acrescentar, esse de se Marx era satanista, ao escrever textos que podiam ofender a dignidade humana e a fé das pessoas. A resposta também me parece evidente: a questão é colocada por um presbítero evangélico, tem uma intenção. Como temos visto até agora, Marx nunca falou contra a religião, nem mesmo na obra que tenho vindo a analisar, *O Manifesto*, escrito no calor da tristeza pelos delitos cometidos contra o povo de Paris e contra vários membros da, fundada por ele, Associação Internacional dos Trabalhadores.

Os Jovens Hegelianos⁶⁹ interpretavam o aparato estatal inteiro como, em última análise, um clamor para se legitimar sobre a base de doutrinas religiosas; especificamente o Luteranismo na [Prússia](#) contemporânea, mas eles generalizaram a teoria para ser aplicável a qualquer Estado suportado por qualquer religião. Entendiam que todas as leis estavam, finalmente, baseadas nas doutrinas [Bíblicas](#). Bem ao contrário do que eu pessoalmente defendo nos meus textos e ao longo de toda a minha vida académica: a religião é a lógica da cultura, orienta o comportamento dos seres humanos, orienta a economia que é a interacção dos seres humanos. A religião está baseada em princípios económicos, base da teoria da economia.

⁶⁸ Página 18 do *Manifesto*

⁶⁹ Os jovens hegelianos são analisados por David McLellan, 1969: *The young hegelians and Karl Marx*, Papermack, MacMillan Press Londres. Excertos do texto podem ser lidos em: http://ann.sagepub.com/cgi/pdf_extract/392/1/224-a.

A consequência da actividade dos jovens hegelianos foi sabotar a religiosidade da exploração. Na minha opinião, de forma pouco inteligente. Sem ser teólogos nem especialistas em doutrinas religiosas, ou em hermenêutica religiosa ou em patrística, entraram de forma filosófica em solos desconhecidos. Como tal, o plano deles para sabotar o que eles concebiam como o aparato do estado corrupto e despótico, era atacar a base filosófica da religião. No processo, eles tornaram-se nos primeiros estudantes bíblicos objectivos e não religiosos desde [Espinoza](#)⁷⁰, no seu *Tratado Teológico – Politico*.

[David Strauss](#)⁷¹ escreveu *Das Leben Jesu (A vida de Jesus)*, onde argumenta que os ensinamentos originais de [Jesus](#) tinham sido ligeiramente deturpados e modificados através dos séculos por propósitos políticos. Para Strauss, a mensagem original de Jesus era destinada aos pobres e oprimidos da sociedade, e não para o estabelecimento (establishment). Esses ensinamentos tinham sido usurpados pelo estabelecimento (establishment) para manipular e oprimir as populações do mundo prometendo-lhes

⁷⁰ **Benedictus de Spinoza** ([Amsterdã](#), [24 de Novembro](#) de [1632](#) — [Haia](#), [21 de Fevereiro](#) de [1677](#)), forma latinizada de **Baruch de Spinoza** (em [hebraico](#): [ברוך שפינוזה](#)), também conhecido por **Bento de Espinoza** ([português europeu](#)) ou **Benedito Espinoza** ([português brasileiro](#)), foi um dos grandes [racionalistas](#) do [século XVII](#) dentro da chamada [Filosofia Moderna](#), juntamente com [René Descartes](#) e [Gottfried Leibniz](#). Nasceu nos [Países Baixos](#) em uma família [judaica portuguesa](#) e é considerado o fundador do [criticismo bíblico moderno](#). No seu *Tratado Teológico – Político* de 1670, diz: *Não existe, aliás, nenhuma coisa de ímpio naquilo que sustentamos, pois Salomão, Isaías, Josué, etc., apesar de serem profetas, foram, contudo, homens e nada do que é humano se lhes deve considerar estranho.* Benedictus de Spinoza (1632-1677) *Tratado Teológico Político*, Capítulo II, Dos Profetas, pág 41. Martins Fontes, São Paulo, 2003. Há uma versão com tradução melhor da *Imprensa Nacional, Casa da Moeda*, 1988, que recomendo pela clareza da sua tradução, de Diogo Pires Aurélio. Licenciado em Filosofia pela Universidade Clássica de Lisboa; Doutorado em Filosofia Moderna e agregado em Filosofia Social e Política pela Universidade Nova de Lisboa. Traduziu e prefaciou edições de Maquiavel (*O Príncipe*), Espinosa (*Tratado Teológico - Político* e *Tratado Político*) e Richelieu (*Testamento Político*). Publicou, na área da filosofia, as seguintes obras: *Um fio de nada, ensaio sobre a tolerância* (1997), *A vontade de sistema, estudos sobre filosofia e política* (1998), *Imaginação e poder, estudo sobre a filosofia política de Espinosa* (2000), *Razão e Violência* (2007), *Representação Política* (2009). Prefaciou a edição portuguesa do livro de Jacques Rancière, *O ódio à democracia* (2007). Coordena o projecto de investigação «Global Justice and International Terrorism», financiado pela FCT.

⁷¹ **David Friedrich Strauss** ([Ludwigsburg](#), [Alemanha](#), [27 de Janeiro](#) de [1808](#) - [8 de Fevereiro](#) de [1874](#)) foi um [teólogo](#) e [exegeta alemão](#). Em Setembro de [1825](#) iniciou os seus estudos de teologia no [seminário](#) protestante de [Tübingen](#), sendo depois professor no [seminário](#) de [Maulbronn](#). Discípulo de [Hegel](#), tornou-se muito conhecido após a publicação, em [1835](#), da obra *Vida de Jesus*, que causou escândalo nos meios religiosos da Alemanha. Para Strauss, o sucesso do cristianismo explicava-se por um "mito de Jesus", que teria sido forjado pela mentalidade judaica dos tempos apostólicos, e que não poderia ser sustentada pela ciência moderna - perspectiva depois adoptada por [Ernest Renan](#) na sua *Vida de Jesus*. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Friedrich_Strauss.

uma recompensa na pós-vida se se mantivessem nos seus lugares (obedientes) e não se levantassem ou rebelassem contra o rico. Esta visão coloca-se em oposição directa aos ensinamentos de Jesus que liderou um movimento de massas dos pobres. Desta forma Strauss percebeu que a religião de Estado era inválida.

[Bruno Bauer](#)⁷² foi mais longe ao afirmar que toda a história de Jesus era um mito. Ele não encontrou nenhum nome *Yeshua de Nazaré* em quaisquer dos registos da então ainda existente [Roma](#). (Pesquisas posteriores, na verdade, encontraram tais citações, nomeadamente do historiador Romano [Tacitus](#) e do historiador [Judeu Flávio Josefo](#), todavia, podem ser forjadas). Bauer argumentou que quase todas as figuras históricas mais eminentes na Antiguidade são citadas noutros trabalhos (e.g., [Aristóteles](#) imitando [Sócrates](#) em seus papéis), mas como ele (Bauer) não pôde encontrar quaisquer referências a Jesus, da mesma forma a história inteira de Jesus foi fabricada.

[Ludwig Feuerbach](#)⁷³ escreveu um perfil psicológico de um crente chamado *Das Wesen Christentums* (*A essência da Cristandade*). Argumenta que ao crente é

⁷² Bruno Bauer, está referido antes dentro de este capítulo. E a sua obra, na página acima desta nota de rodapé.

⁷³ **Ludwig Andreas Feuerbach** ([Landshut](#), [28 de julho](#) de [1804](#) — [Rechenberg](#), [Nuremberg](#), [13 de setembro](#) de [1872](#)) foi um [filósofo alemão](#). Feuerbach é reconhecido pela teologia humanista e pela influência que o pensamento exerce sobre [Karl Marx](#). Abandona os estudos de [Teologia](#) para tornar-se aluno do filósofo [Hegel](#), durante dois anos, em [Berlim](#). Em [1828](#), passa a estudar ciências naturais em [Erlangen](#) e dois anos depois publica anonimamente o primeiro livro, “Pensamentos sobre Morte e Imortalidade”. Nesse trabalho ataca a ideia da imortalidade, sustentando que, após a morte, as qualidades humanas são absorvidas pela natureza. Escreve “Abelardo e Heloísa” (1834), “Piere Bayle” (1838) e “Sobre Filosofia e Cristianismo” (1839). Na primeira parte desta última obra, que influencia Marx, discute a “essência verdadeira ou antropológica da religião”. Na segunda parte analisa a “essência falsa ou teológica”. De acordo com esta filosofia, a religião é uma forma de alienação que projecta os conceitos do ideal humano em um ser supremo. Ao atacar religiosos ortodoxos entre 1848 e 1849, anos de turbulência política, é considerado um herói por muitos revolucionários. Morre em [Rechenberg](#), na Alemanha.

Para Feuerbach, a alienação religiosa segue-se dentro de uma teoria teológica buscando a razão e a essência do homem no mundo, mas o homem é essencialmente antropológico na característica humana, pois adquire sentimentos e sensibilidade. É desta forma que Feuerbach observa a alienação decorrente em cada indivíduo que busca uma relação substancial entre Homem e Deus. No meu ver, o que faz famoso a Feurebach, além das suas ideias e textos é essa ideia sobre a que baseia a sua filosofia, que diz: *O homem é aquilo que come*.

A situação material em que o homem vive é que o cria. Feuerbach nega o conceito de que exista primeiro a ideia e depois a matéria. Para ele a maçã real precede a ideia da maçã. Afirma que deveríamos entender [Hegel](#) de cabeça para baixo. Para Feuerbach, [Hegel](#) descreve o homem de ponta-cabeça. Deve ter sido a frase que seduziu a Marx e o fez materialista, abandonando assim o idealismo hegeliano. As minhas fontes são os livros de Feurebach: (1841) 1988: A essência do cristianismo, texto que retira o mito da religião e o faz acessível a vida material

apresentada uma doutrina que estimula a projecção de fantasias para o mundo. Crentes encorajados a acreditar em milagres e a idealizar todas as suas fraquezas imaginando um Deus onipotente, onisciente e imortal que representa a antítese de todas as falhas e deficiências humanas.

Outro Jovem Hegeliano, [Karl Marx](#), era inicialmente simpatizante dessa estratégia de ataque à Cristandade para sabotar o estabelecimento da Prússia, mas mais tarde formou ideias divergentes e rompeu com os Jovens Hegelianos. Marx concluiu que a religião não é a base do poder da classe estabelecida e que governa. Não, é a posse do capital – terras, dinheiro e os meios de produção – que está situado no coração do poder de estabelecimento. Marx percebeu que a religião era apenas uma cortina de fumaça para obscurecer essa verdadeira base de poder do estabelecimento, e certamente, era um amparo vital para o oprimido [proletariado](#) – "o [ópio do povo](#)," o seu único conforto na vida.

[Max Stirner](#)⁷⁴ ocasionalmente inter-agia com os Jovens Hegelianos, mas manteve posições muito contrárias desses pensadores, consequentemente, ele satirizou e

Um comentário acrescenta: O solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação de seus pensamentos íntimos, a confissão pública de seus segredos de amor.” “Como forem os pensamentos e a disposições do homem, assim será o seu Deus; quanto valor tiver um homem, exatamente isto e não mais, será o valor de seu Deus. Consciência de Deus é autoconsciência, conhecimento de Deus é autoconhecimento”. “Deus é a mais alta subjetividade do homem, abstraída de si mesmo.” “Este é o mistério da religião: o homem projeta o seu ser na objetividade e então se transforma a si mesmo num objeto face a esta imagem de si mesmo, assim convertida em sujeito.” (Trechos de “A Essência do Cristianismo” de L. Feuerbach O comentário é do acadêmico brasileiro José Ricardo Martins, e que faço meu após a leitura do texto, edidato por Papirus, São Paulo, texto comigo em formato de papel. Em linha, esta acesível em: <http://www.marxists.org/reference/archive/feuerbach/works/lectures/index.htm>.

⁷⁴ [Johann Kaspar Schmidt](#), conhecido pelo [pseudónimo Max Stirner](#), ([Bayreuth, 25 de Outubro de 1806](#) — [Berlim, 26 de Junho de 1856](#)) foi um [escritor](#) e [filósofo alemão](#), com trabalhos centrados no [existencialismo](#), [nihilismo](#) e no [Anarquismo individualista](#).

A principal obra de Stirner, *O único e sua propriedade*, apareceu pela primeira vez em Leipzig em 1844. O desenvolvimento de sua filosofia, no entanto, poderia ser relacionado a uma série de artigos que apareceram pouco antes desta obra central, mais especificamente *O falso princípio de nossa educação e Arte e religião*.

Em *O único e sua propriedade*, Stirner faz uma crítica radicalmente anti-autoritária e individualista da sociedade [prussiana](#) contemporânea, bem como à tão citada modernidade da sociedade ocidental. Oferece ainda um vislumbre da existência humana que descreve o ego como uma não – entidade criativa além da linguagem e da realidade, ao contrário do que pregava boa parte da tradição filosófica ocidental.

Em suma, o livro proclama que todas as religiões e ideologias se assentam em conceitos vazios, que, após solapados pelos interesses pessoais (i.e. egoístas) dos indivíduos, revelam sua invalidade. O mesmo é válido às instituições sociais que sustentam estes conceitos, seja o [estado](#), a [legislação](#), [igreja](#), o sistema educacional, ou outra instituição que reclame autoridade sobre o indivíduo.

imitou-os no seu mais aclamado trecho do [nominalist](#) *Der Einzige und Sein Eigentum* (*O Ego e o próprio eu*).

Os Jovens Hegelianos não eram populares na universidade devido às opiniões radicais deles sobre religião e sociedade. Bauer foi dispensado do posto de professor em [1842](#), e Marx e outros estudantes foram advertidos de que não se deveriam incomodar em submeter as suas dissertações à Universidade de Berlim, pois elas seriam certamente mal recebidas devido à reputação dos seus comportamentos rebeldes, radicais e revolucionários.

Os Jovens Hegelianos⁷⁵, depois conhecidos como os Hegelianos de esquerda, foram um grupo de estudantes e jovens professores na Universidade Humboldt de

⁷⁵ Esta parte do texto, é uma síntese feita por mim para entender que a luta radical contra a burguesia, passava pelas ideias denominadas religiosas usadas pelos que estavam no poder para manter calmo ao povo. A aristocracia e a burguesia, usavam não apenas os sentimentos de fé, também rituais, dias de comemoração de santos padroeiros, em fim, uma manipulação do que tinha sido organizado por Luther e Calvin. Os académicos, vários de eles religiosos, tiveram que entrar dentro dos textos sagrados para entender essa manipulação. Até pareciam pessoas da religião cristã luterana que fortemente imperava nesses tempos. A informação completa está em: [http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jovens hegelianos&redirect=no](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jovens_hegelianos&redirect=no).

Mas um ópio que é apenas um subterfúgio para tontos, especialmente para a classe doutoral que nunca leu Marx e pode dizer calmamente: Marx, para além de patético e perigoso, é injusto. Kant, como Fichte, foram perseguidos pelo cristianismo luterano da sua época, exactamente porque as suas teorias não coincidiam com os cânones da religião. Fichte foi mesmo destituído de uma cátedra universitária, devido a pressões da igreja luterana alemã. Dizer que Kant estava ao lado do status quo da “religião burguesa” é um absurdo⁷⁵. Marx é também patético e por isso, perigoso, porque (fazendo parceria com Nietzsche) está na origem de grande percentagem do Horror do século XX, que todos nós devemos sublimar, mas nunca esquecer. Sobre a religião, escreve Marx:

“Todas as formas e produtos da consciência podem ser eliminados, não mediante a crítica intelectual, (...) mas só através da transformação prática das relações sociais existentes, de que derivam essas mesmas fantasias idealistas. (...) Não é a crítica, mas a revolução, a força motriz da História, e também da história da religião, da filosofia e de qualquer outra teoria.” – Karl Marx (Ib.)

Este é o princípio da lobotomia violenta anti-religiosa proposta por Karl Marx; resumindo: nada de crítica intelectual, porque os assuntos resolvem-se à lei da bomba. Marx tem sido o Ayatolla do materialismo histórico.....

É como se anda a pensar!

Mas, o que se anda a pensar? As ideias de Marx, são diferentes para cada país de que trata do materialismo histórico. Os países europeus têm-se convertido em social – democracias, por outras palavras, em países neoliberais com uma certa intervenção do estado para controlar a produção, preços e acesso ao trabalho, formas de organizar convênios de troca de produtos e de trabalho produtivo. No Século XIX, de Marx e a Rainha Vitoria, havia duplicidade de éticas. O próprio Marx tinha uma medida para a sua vida pública e outra para a vida pessoal e de família.

No entanto, o que interessa é a forma e maneira da evolução do pensamento de Marx, as suas descobertas e os seus fracassos.

Sabemos que Marx tinha uma dupla ideia religiosa: nasce judeu, foi criado como cristão, e depois esqueceu tudo ao passar a ser a sua religião o materialismo histórico. Onde havia, no seu entender, injustiças, lá estava ele, especialmente as causadas pela mais-valia. Mouros, judeus, cristãos, era tudo igual: onde houver lucro sem correspondência com o salário, Marx entrava. Escreveu sobre os judeus na Prússia, em 1843, esse o seu livro *A Questão Judaica*. Porquê? Porque eram explorados, não por serem judeus. Livro que advém da sua admiração sentida por Hegel na sua juventude. Pensa mais, namora, casa, aprende de Feurebach e Hegel passa a ser, em 1843, esse citado e tornado a citar livro sobre *Uma Contribuição à Crítica da Filosofia do direito de Hegel*⁷⁵.

É dito dele ter sido um admirador de Hegel, mas essa forma irrequieta de ser, o levou rapidamente a abandonar o seu professor, que trabalhava apenas sobre ideias sem pensar na materialidade da vida. É Ludwig Feurebach que pensa que a maçã existe antes da ideia, o que faz dele um materialista. Ideias dum filósofo que o encantaram por entender a história como a da matéria. Feurebach escreveu um perfil psicológico de um crente chamado *Das Wesen Christentums (A essência da Cristandade)*⁷⁵. Ele argumentou que ao crente é apresentada uma doutrina que estimula a projecção de fantasias para o mundo. Crentes são encorajados a acreditar em milagres, e a idealizar todas as fraquezas deles imaginando um Deus onnipotente, onnisciente, imortal que representa a antítese de todas as falhas e deficiências humanas. Filósofo que o

encantara, mas que viria, também, a criticar mais tarde nas suas *Teses sobre Feuerbach de 1845*.⁷⁵ Como Engels costumava dizer, Marx era um lutador. Eu acrescentaria que era um arrogante por causa de andar sempre em debates, procurar amizades, contradizer-se com essas amizades, louvar os seus livros para, a seguir, debater sobre eles de forma contraditória, como fez com Jean Pierre Proudhon e o seu livro *Contradições Económicas* ou *Filosofia da Miséria* (1846)⁷⁵. De imediato, Marx ripostou com o seu texto de 1847 *A Miséria da Filosofia*⁷⁵, como está já comentado, a mais rápida resposta a uma tese que não condiz com o seu pensamento.

Donde, não foi por acaso que Marx critica Hegel. Tinha sido seduzido pelas teses de Ludwig Feuerbach⁷⁵ e as suas ideias dobre direito e religião exprimidas nos seus textos originais de 1841 e de 1848, traduzidos em língua lusa portuguesa em 1988 e 1989⁷⁵. Os originais de 1839, para o primeiro, e o de 1848, influenciaram a Marx e o animaram a escrever essa crítica à Filosofia do Direito de Hegel, especialmente essas duas primeiras partes referidas de 1839. No entanto, como conhecedor da religião que Marx era, a sua crítica às ideias religiosas de Hegel, baseadas nas de Feuerbach, são apenas para esclarecer o papel da religião na vida social. “Marx queria dizer que a religião funciona no sentido de pacificar os oprimidos; a opressão é definitivamente um erro moral. A religião – dizia ele – reflecte o que falta na sociedade; é uma idealização das aspirações do povo que não podem ser satisfeitas de imediato. As condições sociais da Europa nos meados do século passado tinham reduzido os trabalhadores a pouco mais que escravos; as mesmas condições produziram uma religião que prometia um mundo melhor na outra vida.

Se na sua juventude, Karl Marx foi um jovem hegeliano, era por ser um homem de fé. Os jovens hegelianos eram homens de fé. Marx também, como é possível apreciar nos textos escritos para a sua educação, citados antes: *A vida cristã segundo o Evangelho de São João* e a sua tese **A diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro**, essas duas obras reiteradamente citadas. Com tudo, os seus avanços sobre o materialismo histórico faz a Marx rapidamente abandonar as teses materialistas de Feuerbach, analisadas antes e mais profundamente, quase no fim do texto.

Marx e o seu novo mestre de momento, estão despachados. O elo dos jovens hegelianos denominados de esquerda era outro. Os jovens hegelianos interpretavam o aparato estatal inteiro como um clamor legítimo baseado no luteranismo. Dai os seus

estudos sobre a religião: [Espinoza](#) primeiro e o seu Tratado Teológico – Político⁷⁵. Apesar de não ser um Jovem Hegeliano, o texto de Espinoza influencia vários deles. Espinoza defendia que a divindade era ao mesmo tempo natureza e ideia. Este livro trata de religião e política, como sugere o título. Tal evidência não esgota, porém, o seu conteúdo, nem esclarece grandemente o alcance dos seus enunciados. Ninguém, a bem dizer, já hoje contesta que a religião e a política de que se fala aqui estão intimamente conectadas com a filosofia demonstrada na Ética. E, no entanto, dizer isso ainda não é tudo. Porque o Tratado Teológico – Político não é apenas uma obra que tenha subjacente a concepção da realidade reivindicada pelo autor ou que para ela remeta, como teria irremediavelmente de acontecer; é, sim, a primeira e, em muitos aspectos, definitiva explanação do sistema espinosista, a tentativa programada de recuperar o que a racionalidade em moldes geométricos" insinuava como desordem ou servidão a resgatar pela liberdade intelectual, sem suspeitar que é precisamente aí que se decide toda a gama de possibilidades de interacção dessas partículas do todo que são os homens⁷⁵. Este panteísmo⁷⁵ de Espinoza, era o que faltava aos hegelianos de esquerda para afirmar que a divindade era uma criação humana.

No entanto, as várias religiões atribuem, por outras palavras, conferem à Divindade qualidades ou capacidades que a afastam dos seres humanos. Esses atributos são debatidos por Espinoza e pelos hegelianos, que pretendiam uma divindade mais humana, panteísta. Normalmente, as confissões conferem capacidades impossíveis de atingir por um ser humano, excepto para os seus representantes, como os profetas, as autoridades investidas por meio de sacramentos para agir em nome da divindade, especialmente se esses representantes governam. Era o desespero dos jovens hegelianos. Esses atributos são, pelo menos para os cristãos de qualquer igreja, os seguintes: desde os tempos apostólicos a Igreja identificou nada menos que quinze Atributos Divinos e que a literatura, até ao momento presente, tem tentado explicar, para nossa informação e para nossa formação. São os seguintes: *Deus Uno*. Quer dizer que Deus é o único Ser que deve existir. Não podem existir mais deuses, (*politeísmo*); Deus não é apenas um chefe ou presidente (*henoteísmo*) e muito menos um Deus bom em contrapartida com um Deus mau (*Maniqueísmo*).

Deus Verdadeiro. Quer dizer que Deus realmente existe e não é apenas um reflexo da nossa imaginação que projecta em nós os sentimentos do medo ou da sugestão, ou nos mergulha em desejos de felicidade puramente humana. *Deus Vivo*.

Quer dizer que Deus é um Ser cuja essência é a Sua própria vida. É um Ser cuja actividade se identifica com a Sua própria natureza. *Deus Eterno*. Quer dizer que para Deus nunca houve passado, como se antes não tivesse existido. Nem haverá futuro, como se alguma vez pudesse deixar de existir. Em Deus há só Presente, e d'Ele só se pode dizer que *Existe*. Quando Deus, identificado com *YAHWEH (Javé)*, apareceu a Moisés na sarça-ardente e Moisés lhe perguntou qual era o Seu nome, Deus respondeu: - *Eus sou Aquele que Sou. (Ex.3/4)*. *Deus Imenso*. Quer dizer que Deus não está sujeito a nenhuma limitação do lugar ou do espaço ou do tempo. Está todo em toda a parte ao mesmo tempo. *Deus Incompreensível*. Quer dizer que Deus não está sujeito a nenhuma limitação do conhecimento, como sucede connosco; não está limitado, nem pela dimensão de um corpo nem pela de um espírito criado. *Deus Infinito*. Quer dizer que Deus não só não tem limitações, mas também e sobretudo que Deus tem a plenitude de todas as perfeições.

Ele é Omnisciente, Onnipotente e tem a plenitude do Ser. *Deus Onnipotente*. Quer dizer que todas as coisas foram criadas por Ele e que nada que se pode conceber poderia existir sem Ele.

Evidentemente Deus não pode fazer o que por natureza é impossível, como fazer um círculo quadrado, etc. *Deus Único*. Quer dizer que não pode haver outro Deus, não pode haver outro igual. Se houvesse outro Deus perfeitamente igual, confundir-se-ia um com o outro e seria um só. Só que houvesse uma pequena diferença, nenhum poderia ser Infinito, ou eterno, isto é, nenhum poderia ter Todos as perfeições em grau infinito.

Deus Puro Espírito. Quer dizer que Deus não está limitado pelas dimensões corporais ou espaciais.

Deus é um Ser espiritual, que pensa e que quer; que sabe e que ama. Deus é, no mais profundo sentido, um Deus pessoal e nunca apenas uma força impessoal ou energia cósmica.

Deus Totalmente Simples. Quer dizer que Deus não é um composto de partes como o nosso corpo, a nossa alma e todas as substâncias em que há propriedades acidentais.

Amor, Justiça, Perdão, Infinitude, Onnipotência, Vida... é tudo a Sua própria natureza. *Deus Imutável*. Quer dizer que Deus, por ser eterno, tem a plenitude do Ser e, por isso, nada n'Ele se pode mudar. Nada tem para adquirir nem nada pode perder. O que tem é o que é e isso permanece para sempre. *Deus Transcendente*. Quer dizer que

Deus não só está acima de todos os outros seres, mas que também é completamente distinto de todo o mundo. Deus é totalmente outro. *Deus Perfeitamente Feliz*. Quer dizer que Deus em Si mesmo e por Si mesmo é a completa Felicidade, sem depender da felicidade de qualquer outro ser.

Deus é o Mais Sublime. Quer dizer que Deus é belo no mais alto grau. Em Filosofia diz-se que *O Belo é aquilo que agrada*. Pois Deus é exactamente Belo, Aquele que agrada por Si mesmo.

As Escrituras condenam todos aqueles que são seduzidos pelas criaturas:

- *Se, encantados pela beleza de tais coisas, as tomarem por deuses, reconheçam quanto é melhor do que elas o seu Senhor, porque foi o criador da Beleza que fez todas estas coisas. (Sab⁷⁵. 13/3).*

Todavia, devemos reconhecer e compreender também o que é que se deve entender por Atributos relativos de Deus...

Atributos Relativos de Deus são as perfeições divinas de Deus em relação com o mundo que Ele mesmo criou. Diz o Catecismo da Igreja Católica no seu artigo 41 do texto em formato de papel, página 28, edição já citada, o seguinte: *Todas as criaturas são portadoras duma certa semelhança de Deus, especialmente o homem, criado à imagem e semelhança de Deus. As múltiplas perfeições das criaturas (a sua verdade, a sua bondade, a sua beleza) reflectem, pois, a perfeição infinita de Deus. Como consequência, pode-se falar de Deus a partir das perfeições das suas criaturas: por serem grandes e belas as coisas criadas é que se pode contemplar, por analogia, o seu autor (Sab.13/5)⁷⁵. Pequeno consolo que a hierarquia nos quer oferecer....*

Referia antes que era o desespero dos jovens hegelianos, mas não apenas. É o desespero de todo o crente. Há essa espécie de adágio ou provérbio, essa máxima que expressa em poucas palavras, ideais tornadas vulgares que recordam com seriedade o que é usual. Essa, máxima ou sentença popular que diz: *Deus escreve direito por linhas tortas....*, para consolar essa falta de entendimento do que todo o fiel deve saber. O desespero é de todo um povo subordinado a hierarquias consagradas com óleo real ou com sacramentos⁷⁵, ou, ainda, com elevação a hierarquias outorgadas por quem tem mais poder.

O único hegeliano que fica na história, é [Karl Marx](#), Marx concluiu que religião não é a base do poder de estabelecimento, como está provado mais acima, mas sim a

posse de capital – terras, dinheiro, e os meios de produção – que está situado no coração do poder de estabelecimento. Essa cortina de fumaça, frase marxista com fundo profundamente teórico, resultado de anos de pesquisa, por ele definida, é, certamente, um amparo vital para o oprimido [proletariado](#). Esse [ópio do povo](#), como explico na página 36, é o único conforto de uma vida a qual ele não estaria disposto a abandonar. Eis porque reitero a ideia.

Mas, não abandonou. Converteu o [ópio do povo](#), no *Manifesto Comunista*, com partido político, greves e lutas radicais de levantamento drástico contra os opressores. Motivo pelo qual tudo o que era dor venha a ser ópio do povo no sentido de socialismo científico, teriam a sorte que acontecera como com Babeuf e essa ponte de lutadores, até à morte de Allende, a guerra do Iraque, a Faixa de Gaza e a crise económica causada pelos que hoje nos oprimem e que estão a ser julgados. Marx acordou-nos para essa realidade. Daí, o Ayatola do socialismo! Dai, as pretensões da família Marx, que cresce e se expande na medida que somos todos iguais, de diversa maneira, nos diversos continentes. Essa família que ainda grita: proletários do mundo uni-vos!

⁷⁵ [A religião é o ópio do povo](#)" (em [alemão](#) "*Die Religion ... Sie ist das Opium des Volkes*") é uma citação da [Crítica da Filosofia do Direito de Hegel](#) (em [alemão](#), *Kritik des hegelischen Staatsrechts*) de [Karl Marx](#), obra publicada em [1844](#). A comparação da religião com o ópio não é original de Marx e já tinha aparecido, por exemplo, em escritos de [Immanuel Kant](#), [Herder](#), [Ludwig Feuerbach](#), [Bruno Bauer](#), [Moses Hess](#) e [Heinrich Heine](#). Este último, em [1840](#), no seu ensaio sobre *Ludwig Börne* escreveu: *Bendita seja uma religião, que derrama no amargo cálice da humanidade sofredora algumas doces e soporíferas gotas de ópio espiritual, algumas gotas de amor, fé e esperança.* [\[1\]](#) [Moses Hess](#), num ensaio publicado na Suíça em [1843](#), também utilizou a mesma ideia: *A religião pode fazer suportável [...] a infeliz consciência de servidão... de igual forma o ópio é de boa ajuda em angustiantes doenças.*

Fonte Börne: Löwy, Michael (2006) "[Marxismo e religião: ópio do povo?](#)"; Borón, A. et. ao. (compiladores) *A teoria marxista hoje*. Buenos Aires: CLACSO. [ISBN 987-1183-52-6](#). Michael Löwy é membro da Liga Comunista Revolucionária (LCR) em França e director de pesquisa em sociologia no CNRS (National Center for Scientific Research) em Paris, é autor de muitos livros, entre os quais: *The Marxism of Che Guevar*, *Marxism and Liberation Theology*, *Fatherland or Mother Earth?* e *The War of Gods: Religion and Politics in Latin America*.

⁷⁵ Na sua crítica à religião burguesa, Marx diz na Introdução do seu livro *Crítica a Filosofia do direito de Hegel*, estas palavras: *Na Alemanha, a crítica da religião chegou, no essencial, ao fim. A crítica da religião é a premissa de toda a crítica.*

A existência profana do erro ficou comprometida, uma vez refutada sua celestial oratio pro aris et focis [oração pelo lar e pelo ócio].

O homem que só encontrou o reflexo de si mesmo na realidade fantástica do céu, onde buscava um super-homem, já não se sentirá inclinado a encontrar somente a aparência de si próprio, o não-homem, já que aquilo que busca e deve necessariamente buscar é a sua verdadeira realidade.

A religião não faz o homem, mas, ao contrário, o homem faz a religião: este é o fundamento da crítica irreligiosa. A religião é a auto consciência e o auto sentimento do homem que ainda não se encontrou ou que já se perdeu. Mas o homem não é um ser abstracto, isolado do mundo. O homem é o mundo dos homens, o Estado, a sociedade. Este Estado, esta sociedade, engendram a religião, criam uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido. A religião é a teoria geral deste mundo, seu

Berlim após a morte de Georg Hegel ocorrida em 1831. Os Jovens Hegelianos foram opositores ao popular grupo Hegeliano de direita, que detinha as cadeiras do departamento e outras posições de prestígio na universidade e no governo.

Prof. Doutor Raúl Iturra

Catedrático de Antropologia do ISCTE-IUL

Sócio de CRIA

compêndio enciclopédico, sua lógica popular, sua dignidade espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua razão geral de consolo e de justificação. É a realização fantástica da essência humana por que a essência humana carece de realidade concreta. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indirectamente, a luta contra aquele mundo que tem na religião seu aroma espiritual.

A miséria religiosa é, de um lado, a expressão da miséria real e, de outro, o protesto contra ela. A religião é o soluço da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, o espírito de uma situação carente de espírito. É o ópio do povo.

A verdadeira felicidade do povo implica que a religião seja suprimida, enquanto felicidade ilusória do povo. A exigência de abandonar as ilusões sobre sua condição é a exigência de abandonar uma condição que necessita de ilusões. Por conseguinte, a crítica da religião é o germe da crítica do vale de lágrimas que a religião envolve numa auréola de santidade.

A crítica arrancou as flores imaginárias que enfeitavam as cadeias, não para que o homem use as cadeias sem qualquer fantasia ou consolação, mas para que se liberte das cadeias e apanhe a flor viva. A crítica da religião desengana o homem para que este pense, aja e organize sua realidade como um homem desenganado que recobrou a razão a fim de girar em torno de si mesmo e, portanto, de seu verdadeiro sol. A religião é apenas um sol fictício que se desloca em torno do homem enquanto este não se move em torno de si mesmo.....Troço retirado do original traduzido ao português, em: Marx, Karl, 1844: *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*

Karl Marx, 1844: *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, 6 primeiros parágrafos da Introdução.

O livro pode ser lido em:
<http://www.marxists.org/portugues/marx/1844/criticafilosofiadireito/introducao.htm> ou em:
<http://www.marxists.org/portugues/marx/1844/criticafilosofiadireito/index.htm>

Ora bem, qual é a importância de ser Marx cristão ou não? Ou, por outras palavras, qual a importância de ser cristão? Hoje em dia há muitas confissões; no tempo de Marx havia as que existiam onde calhava nascer e viver. Parece-me que é porque se for reconhecido assim, a sua teoria seria aceite para a não exploração do povo e retirar o alvo de ataques permanentes de uma burguesia cristã que o explorava. Não teria sido denominado Satanista e a sua teoria da mais-valia, teria importância social.

Membro do Senado da Universidade de Cambridge.

lautaro@netcabo.pt